

AUTORES & LIVROS

2º ano III
13/4/1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Núm. 13

Notícia sobre Lima Barreto

Henriques de Lima nasceu no Rio de Janeiro, rua Ipiranga, 13, de Maio de 1881. Era filho de Augusto de Lima Barreto, então como almoxarife da Companhia de Alienados do Estado, e da filha do Governador, a senhora Augusta Barreto. Quando tinha dois anos, na rua da Glória, sendo seu pai então Visconde de Ouro Preto, a madrinha Nossa Senhora da Glória. Aos seis anos, em uma escola primária, da Rua do Rezende, escola dirigida pela professora Maria Figueiredo de Amaral. Quando, quando sua família mudou para Niterói. O menino então matriculou-se na Escola Niteroiense, a rua Niterói, Andréa Neves. O movimento que era dirigido pelo professor Canditu. Aos dez anos, a mãe matriculou-o no Colégio Pedro II. Aos 14, entrou na Escola Politécnica.

Logo depois, seu pai, que estava exercendo o cargo de almoxarife da Colônia de Alienados, faleceu, enfraquecido. A família não tem recursos, e Lima Barreto, como filho primogênito, tem de se virar na obrigação de prover ao sustento dos pais. Tenta dois concursos que não se apresentam, e afinal é nomeado 3º oficial da Secretaria da Guerra.

Nessa secretaria de Estado não se faz, apagadamente. Entretanto, a sua carreira enquanto constrói uma obra de romancista de contista, de cronista, de crítico de costumes, que parece destinada a longa sobrevivência em nossas letras.

Seu malato aparentemente esquivo e tímido, era, em verdade, um grande audacioso em seu pensamento. As sátiras que fez contra os poderosos do país e do momento são muito verdadeiras. E a maior diferença entre ele e o seu mestre Machado de Assis — com o qual apresenta tantos pontos de contato no seu destino, na sua obra, no seu pensamento — é que, enquanto Machado de Assis ficou a vida afeiçada um respeito completo por todos os problemas que topava em seu caminho, enquanto Lima Barreto não hesitou de pregar em cada um deles um nariz de papelão ridículo...

Nesse ponto sua estréia no romance é bem característica — Lima Barreto tomou para modelo de sua obra a redação do um grande jornal que, fundado no espírito de um século, tinha faciente conseguido impor-se entre os órgãos mais importantes da imprensa nacional. E os diretores, os redatores, que ele pintou, movendo-se numa redação, nela lutando, nela realizando atividades e ideias diversas, escondiam, quase transparentemente, figuras das vezes bastantes, bem conhecidas de todos... O Dr. Ricardo Lobato, "um homem muito alto e muito magro, anguloso, com uma grande bigode de longas penas, louro, de um louro amarelado, o Loaque; o Micaeloff, o Griesenwiler Rostoloff; o Raul Guimarães; o Velga Flôr; o Rollin; o gramático Lobato; o Ploc; tantos outros... e a figura luminosa do nosso Tertuliano nos inícios do século XX! E como nessa galeria se veiam bem retratados, ali, nela se o'hassem, um Gastão Bousquet, um Mario Calazans, um João do Rio, um Coelho Neto, um Candido Lago, um Lima Barreto também... E só falamos dos mortos. Porque a galeria é longa, e numerosa... e nela ficaram também muitos jornalistas que ainda hoje trabalham na mesma banca talvez em que os viu o cronista de nossa imprensa em 1904...

ISAIAS CAMINHA, notável grande êxito quando publicado; e esse êxito foi devido principalmente a uma circunstância que mereceu o repouso e a censura da crítica — a circunstância de ser um romance à elef. De resto, a felicidade do livro — o ser a crônica íntima de um grande jornalista brasileiro — parece ter sido um pouco devida ao acaso. Conta o sr. Modesto de Abreu que a princípio era intenção de Lima Barreto fazer de seu personagem um carcereiro de bot. Teria sido Alcides Maya quem fez ver ao escritor a conveniência de colocar a ação do romance dentro de uma redação de jornal.

Acabando de escrever as Recordações do escritor Isaias Caminha, Lima Barreto confiou os originais ao seu amigo Antonio Noronha Santos, que partia para a Europa, afim de levá-los ao editor A. O. Teixeira e Cia. de Lisboa. Este a princípio pensou em recusar o livro, considerando a escassez do mercado português para as obras brasileiras. Deu a ler os originais, porém, a Albino Forjaz Sampayo, e esse escritor não somente recomendou o livro como sendo do maior mérito, mas desejou tomar a si a responsabilidade da revisão das provas.

Boêmio inveterado, Lima Barreto construiu sua obra fúlgida nos intervalos que concedeu a sua dispendiosa. De suas longas noites com um ou outro amigo eleito, ficaram histórias curiosas. Num artigo que publicou em Vozes, em 1940, Raimundo Silva — que era mestico, como Lima Barreto, que foi redator e diretor da folha que Lima Barreto tomou para modelo do seu Globo, que fundou entregue ao desregramento e à dispendiosa como o próprio Lima Barreto — contava um traço revelador da vida e da alma do seu amigo. Contava que a boemia de Lima Barreto resultava de um episódio da mocidade do escritor. Aluno da Politécnica, sendo um dos louzeiros da turma, Lima Barreto se enamorara numa moçoila de família distinta, residente num subúrbio. Quando lhe pareceu ter chegado o momento oportuno, tratou de pedir a moça. Os pais a negaram de forma sumária:

— Era só o que faltava! Um mulato... Dizia Raimundo Silva que Lima Barreto jamais se esqueceu da humilhação — e afirmava que por isso ele se tornou boêmio! Verdade? Mentira? Interpretação romântica de um fato que nada tinha que ver com nenhum romantismo? Como o subterfúgio? O fato é que Lima Barreto atravessou a sua vida assim:

boêmio, notívulo, buscando sempre no álcool as consolações para as suas irremediáveis amarguras...

Tinha, porém, um sentimento singular, que poderíamos chamar talvez o orgulho do seu próprio de regimento. E mais de uma vez o demonstrou. Entre os artigos escolhidos ao volume das Bagatelas, por exemplo, há um muito característico: é aquele em que, tendo sido censurado por ser boêmio, em uma nota do A.B.C., ele não somente se defende da acusação, mas reivindicando para os boêmios títulos — illustres, antepassados — como na Inglaterra G. S. Smith, na França Villon e na velha Roma Juvenal...

Enquanto vivia boemista em sua vida, Lima Barreto escrevia... Escrevia seus admiráveis artigos, que publicava aqui e ali, e que, em parte reunidos em livro, deram esse estranho volume das Bagatelas, acima citado. Escrevia, também, seus contos ora comovidos e ora irônicos, alguns dos quais foram também recolhidos em livro, e tomaram o título de Histórias e Sonhos. E escrevia também seus romances — o já citado Isaias Caminha — e cujo título por inteiro é Recordações do escritor Isaias Caminha — e o triste fim de Policarpo Quaresma, Numa e a Ninfa, Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá. Conta-se que, de vez em quando, premido pela necessidade de se concentrar, de fugir à dispersão e à boemia de sua vida, sollicitado pela vida de um novo romance que se agitava em seu cérebro, ele se dirigia ao sábio Juliano Moreira, diretor do hospital de Alienados:

— Quer me arranjar uma hospedagem por uma meseta?

Juliano mandava dar-lhe um quarto no hospício — o melhor que lhe pudesse arranjar. Um mês, dois meses, três meses depois, Lima Barreto se despedia, trazendo consigo os originais de um romance novo...

Foi assim, ao que diz a tradição, que ele criou sua obra. E se isso é verdade, haverá um artigo curiosíssimo a escrever, em que se mostrarão as relações existentes entre esse escritor e os loucos, artigo no qual os pontos essenciais poderiam ser estes: o pai de Lima Barreto, almoxarife de uma casa de loucos, ele próprio louco; Lima Barreto, criança, vivendo no Galvão, entre loucos; Lima Barreto, homem feito senhor de sua arte, recolhendo-se, para escrever seus romances, a casa dos loucos...

Talvez um pesquisador mais minucioso do que nós consiga encontrar ainda novas relações entre esse curioso romancista e a imensa família dos loucos — a qual ele de certo pertencia, como provavelmente pertencemos nós todos, inclusive tu, leitor amigo. Lima Barreto foi por duas vezes candidato à Academia Brasileira de Letras. Da primeira vez — em 1919 — na vaga de Emilio de Menezes (1.ª eleição) teve dois votos no primeiro escrutínio, dois no segundo, um no terceiro e um no quarto; eram seus competidores Humberto de Campos, Eduardo Ramos e Lima Campos. A eleição

(Continua na página 201)



PRACHECO

LIMA BARRETO

SUMÁRIO

PÁGINA 193: — Notícia sobre Lima Barreto.
PÁGINAS 194 e 195: — Três estudos de João Ribeiro sobre Lima Barreto.
— Bibliografia de Lima Barreto.
PÁGINAS 196 e 197: — Um discípulo de Machado — Lima Barreto — Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá, de Tristão de Alencar.
— Um conto de Lima Barreto: Oia.

PÁGINA 198: — Correspondência de escritores. Carta de Lima Barreto a Austregesilo de Almeida.
PÁGINA 199: — Últimos Encontros (Capítulo de Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá), de Lima Barreto.

PÁGINAS 200 e 201: — Agacius Auditor, conto de Lima Barreto.
— Correspondência de escritores. Carta de Lima Barreto a Almeida Magalhães.
— Alguns estudos sobre Lima Barreto: 1.ª série — Antologia da Prosa VI — João Novaes. Nota biográfica, com um traço de Paderne.
— Bibliografia de João Novaes.
— Alguns estudos sobre João Novaes.
— Louvor da poesia regional.
— Afirmação do Brasil.
— Dificuldade dos retratos mentais.
— Estudo do discurso da recepção na Academia Brasileira de Letras.
— Fúlio e Morte de Silveira Martins.
— A arte e a democracia.
— Rui Barbosa e Silveira Martins.
— Nêuco e Patrocinio.
— Ferocidade literária.
— Dom poetas de Lodo Ivo. Nêuco Vênica. A Morte.

PÁGINA 202: — Casa de Mendira, de Marques Rebelo.
— Um autógrafo de Manuel Bandeira. Testamento.
— Autores e Livros, publicará, em seu próximo número, as Cinco Elegias de Vinícius de Moraes.
PÁGINA 203: — Album de Guizard — M. 17. Aspeto de Petropolis.
— O lugar de Alphonse de Guizard, na literatura brasileira, de Mucio Leão.

PÁGINAS 204, 205 e 206: — Antologia da Literatura Brasileira contemporânea. 2.ª série — Antologia da Prosa VI — João Novaes. Nota biográfica, com um traço de Paderne.
— Bibliografia de João Novaes.
— Alguns estudos sobre João Novaes.
— Louvor da poesia regional.
— Afirmação do Brasil.
— Dificuldade dos retratos mentais.
— Estudo do discurso da recepção na Academia Brasileira de Letras.
— Fúlio e Morte de Silveira Martins.
— A arte e a democracia.
— Rui Barbosa e Silveira Martins.
— Nêuco e Patrocinio.
— Ferocidade literária.
— Dom poetas de Lodo Ivo. Nêuco Vênica. A Morte.

PÁGINA 207: — Casa de Mendira, de Marques Rebelo.
— Um autógrafo de Manuel Bandeira. Testamento.
— Autores e Livros, publicará, em seu próximo número, as Cinco Elegias de Vinícius de Moraes.
PÁGINA 208: — Album de Guizard — M. 17. Aspeto de Petropolis.
— O lugar de Alphonse de Guizard, na literatura brasileira, de Mucio Leão.

Perfil do escritor

A pequena senhoria "Frida", que me escreve de São Paulo, pedindo a mais atenciosa notícia bio-bibliográfica de Lima Barreto, tem o prazer de comunicar o que sei a respeito desse homem de talento.

Chamava-se Affonso Henriques de Lima Barreto e nasceu no Rio, em 13 de maio de 1881, e faleceu em 1.º de novembro de 1922.

Viveu, pois, quarenta e um anos, poucos para a sua glória literária, muitos para a sua vida irregular e desordenada. Gostava de embriagar-se nos últimos tempos e ainda piores lhe seriam as atribuições, se não tivesse como anjo da guarda, uma irmã que o idolatrava e quanto podia aconselhava-o a evitar todos os perigos da vida boêmia.

Estudou na Escola Politécnica por uns três ou quatro anos. Dirigiu uma revista efêmera "Floral". Inimigo do esporte predileto dos cariocas fundou a "Liga Brasileira" contra o "futebol". Foi isso em 1918.

Realmente ele não era inimigo de coisa alguma e a atitude anti-esportiva era "pose" e nada mais.

Lima Barreto gostava de discutir e contraditar, sem firmeza de opiniões, que só as (lidas, verdadeiras, nas questões literárias.

Combatia a gramática, os clássicos e os pedantes de toda casta. E bem o demonstrava na ampla liberdade de escrever, a qual era sua norma.

A coisa seria grave, se fosse um escritor mediocre. O seu talento exculpava esses paradoxos de pouca monta.

Escrevia também sem regularidade em vários jornais.

Vário, inconstante, e, como se diz, relaxado em suas ocupações, mesmo as mais prediletas, conseguia, todavia, compor numerosos livros de ficção.

Ele a lista que de repente podemos aqui organizar:

I — "Recordações do escrivo Isaias Caminha", que teve 3 edições. É o seu primeiro romance e em que tinha numerosas "carapugas" do meio jornalístico.

II — "Triste fim de Policarpo Quaresma". Outro romance, de fim satira e ironia.

III — "Numa e a Ninfa" — Romance político.

IV — "Vida e morte de Gonzaga de Sá". É o seu romance mais perfeito.

V — "Histórias e Sonhos" (erônicas).

VI — "Brazundanga".

VII — "Feiras e Mafuás".

Deixou por concluir um romance — "Cenário dos Vivos" — Impressões do Hospício Nacional, onde, sob a carinhosa proteção de Julião Moreira, experimentou, quase inutilmente, breve estadia de cura. Era, porém, já então incorrigível a abulia daquele grande espírito.

Morava num subúrbio do Rio, Condição e aprazia-me vê-lo, e lamentei que se estivesse tão formoso talento, um dos mais vigorosos da última geração.

Mas, Lima Barreto era impetuoso e rebelde, embora fosse inesgotável a bondade do seu coração generoso.

Chegaria facilmente à perfeição, que jamais chegou a alcançar, sendo, como era, negligente e descuidado.

Ele a senhora Frida, o que sei, e tudo isso, ou quase tudo, devo à diligência de um amigo e homem de letras, o dr. Fernando Nery, secretário da Academia Brasileira.

É uma nota bio-bibliográfica, exata e conciliadora.

Quanto a mim e ao juízo que formei das suas obras, mais me agradam a "Vida de Gonzaga" e o "Policarpo Quaresma", e alguns contos e fragmentos esparsos.

Ninguém pediu o meu juízo e não quero dá-lo apressadamente.

A verdade é que a obra de Lima Barreto, quase toda inteira, espera um editor capaz de a reviver.

II

NUMA E A NINFA

"Numa e a Ninfa", é um estudo da vida social e política do nosso tempo. É realmente um dos raros livros que espelham, com verossimilhança, senão com

fidelidade, os vícios e costumes da sociedade política.

No Brasil, em quase todos os ramos de vida, o "arrivismo" é uma arte consumada e perfeita; sem ela, seria impossível explicar o triunfo e a evidência de indivíduos quase nulos, insignificantes, incoletos e ridículos que, entretanto, ocupam as melhores posições.

A inteligência substitui-se a expertise, que é também, não há negar, uma qualidade de espírito. Já não é pouco verificarmos que, por exemplo, na política, senão temos a verdade temos pelo menos o sofisma. Contentamo-nos com aparências lógicas e com arremedos similesos.

Dessa desordem fundamental dos nossos costumes traçou Lima Barreto com mão firme um esboço tão parecido à realidade que com ela se confunde.

"Numa", ou antes a, ex. o deputado Numa Pompílio, era um ser obscuro e indeciso; só depois de alcançar alguma reputação foi possível fixar ao certo a prole do seu nome; passava então indiferentemente por Numa ou Numa, mais tarde ficou sendo o grande Numa. Quem o desconhecia agora?

A vida desse velho, arranjador de empregos, engrossador de políticos e de sogros ricos e pomposos, e uma dessas misérias odiosas, que explicam o caráter aventureiro e instável de inúmeros tipos da sociedade em que vivemos.

Casou com Edgarda, para viver profissionalmente de genro. Era marido por emprego.

Com tão mesquinhos escrúpulos, estava destinado a um magnífico esplendor em qualquer tempo; mas essa felicidade chegou ao cúmulo, com a coincidência da ditadura militar do general Benites, elevado ao governo.

Então, aquele galifar tornou-se indispensável.

Há no romance de Lima Barreto um grande número de tipos interessantes, sempre verdadeiros. Edgarda, adúltera e talvez mais canalha que o marido, é a sua Nina Egeria, a encher-lhe a cornucópia de inspirações geniais; outro caráter do romance é um positivista ingênuo, alambicado com o vocabulário de Comte e os lugares comuns da doutrina.

— Vamos ter um governo como o do grande Frederico (diz ele) — a ditadura realizando o voto sistemático de Hobbes.

Este não faz outro mal que o da adoção de um inconceituoso pela "incorporação do proletariado", pelas saudades do "regime católico-feudal". Como pagasão da filosofia, atravessa o romance, peripatético, a dar um tom muito nacional à política republicano-militar.

Não há um só leitor que desconheça esse tipo contemporâneo do novo regime.

Um personagem que faz prever em Lima Barreto, o futuro autor de um romance de costumes populares é o "Lucrécio Barba de Bode", tipo quase secundário no livro, mas intensamente significativo pela verdade flagrante dos seus gestos. É um misero mulato, sem emprego, que, eternamente e por instintivo olfato, descobre o futuro árbitro das graças.

Quem o não conhece, servirá, frequentador de "meetings", copeiro "ex-officio" dos chefes, alcoviteiro, barulhento ou pacífico, conforme as ordens e a temperatura do momento?

Lucrécio habita a "Cidade-Nova"; e aconselha aos leitores as páginas consagradas à descrição nostálgica desse bairro, que não teve tempo de acabar nem de levantar-se do charco que era". São páginas, que definem um escritor: o "flirt", as moças janeladas, o tipo do pianista de danças, o calheiro da venda, com os tamariscos recla-

mistas que escuam pregão. A eterna faina do "bicho", esperança providência e desengano de todos os dias, naquela congerie de gente indecisa, inspiram a Lima Barreto alguns dos seus melhores trechos descritivos.

É assim o livro desse romancista, um dos melhores da nossa geração.

Entretanto há um defeito grave, neste, como em outros romances de Lima Barreto. Não há razoável acabamento; falta sempre a chave da abóbada, que ele carpenteja excelentemente. Todos os personagens desaparecem quase subitamente; a vida do próprio Numa tem apenas um desenlace insignificante para um clínico daquela espécie. Estou que uma cena do "Bel Ami", de Maupassant, inspirou aquele desfecho.

Já no "Policarpo Quaresma", que é um romance admirável pelo contexto, encontramos o mesmo desfecho, desproporcionado na conclusão. Todos os arabescos, toda a decoração é esplêndida, mas a arquitetura é falha.

Isso provém, talvez, de que escrevia para os jornais, e deixava para os azares dos dias a inspiração final dos seus trabalhos. O jornalismo é sempre uma arte apressada e imperfeita, que não deixa amadurecer e compor-se a congruência de obras mais complexas e que reclamam de longas de meditação e de estudo.

Será assim.

Não o sabemos. Mas a verdade é que temos em Lima Barreto um grande romancista da cidade, condecorado dessa Babilônia, como o foi Aloysio Azevedo, o autor do "Corifeu".

É realmente um escritor dotado de observação arguta, de imaginação e de estilo.

Não é um escritor muito puro no sentido de escrupulosa correção; só-lo é quando o quiser e naturalmente é isso obra do tempo. Conviria ainda que ele "estilizasse" um pouco mais os seus personagens sob um véu mais diáfano, evitando nomes conhecidos, afim de fugir àquela bárbara maneira de Aristóphanes, própria só de um povo bárbaro, que ainda não havia inventado a sátira. Os romances corrigiram a comédia Aristofânica e evitaram a ofensa pessoal, inútil.

É uma escamoteação digna da imparcialidade literária. É sempre útil, sobre ser amável, ficarmos indecisos, como aqueles empregados do Congresso, que não sabem se o grande homem era "Numa" ou "Nina".

Deixemos a epigrafistas e a arqueólogos mais remotos o cuidado das identificações. É uma parte que damos à grave ciência deles, sem diminuição da nossa.

III

VIDA E MORTE DE J. M. GONZAGA DE SA

A biografia composta com o romance, para não remontar a fontes longínquas que confluiam até a novela dos nossos dias, deriva do Tristram Shandy, de Sterne.

Nesse gênero temos uma das obras primas de Machado de Assis, as "Memórias de Braz Cubas". Na história da ficção as aventuras maravilhosas e cavaleirescas já haviam sucedido as aventuras sentimentais, conformes de todo à verossimilhança e à realidade presente.

Enfim, a verdade é mais assombrosa que a fantasia e para que engubar maravilhas? Parecem afinal coisa esteril inventar lances arriscados e imaginar gigantes invencíveis, onde a alma humana a todas as horas realiza prodígios e combate as suas batalhas mais encarniçadas e terríveis.

A arte da biografia no roman-

ço exige requisitos de personalidade nas confissões, em que se entrelaça com lucidez a individualidade do escritor.

Este — "Gonzaga de Sá" — de Lima Barreto, é um retrato razoável do romancista. Mostra-o revoltado, curioso de aspectos sociais, de grande piedade humana e de singular sensibilidade de nos espetáculos da natureza. É-lhe parecido, pelo menos, em alguns traços essenciais, uma fugitiva, adrede apagada aqui e ali pelo discreto recato do romancista.

Assim compreendemos a — "Vida de M. Gonzaga de Sá" — romance de admirável "flamboyant", de fina graça, na espécie das novelas como o livro de maior consideração e de mais alto merecimento na bibliografia deste ano.

Vários romances temos lido ultimamente e em nenhum deles, alguns excelentes, achamos o delicioso frescor, a límpida fragância de simplicidade e profundidade deste livro.

Diz-se-lhe uma obra superficial, tal a facilidade do estilo, mas é evidente que a superfície tranquila esconde uma profundidade imensa. As perspectivas bem acabadas e exatas parecem relevo e dimensões arredadas. E tudo isto sem pedantismo e só com discreto respeito ao incoerente dos que vivem.

Estou que, talvez dentro em pouco, ao corrigir-se de algumas imperfeições e negligências, essa é uma crítica pessoal, chegará o autor um dos primeiros lugares entre os nossos romancistas.

Ele é um humorista, como o de Machado de Assis, mas, lendo-o, um menos limitado, bem mais vivamente e mais vivo. É de certo menos divertido por seu uso de agressões sociais, superfina, vés e ironia, sua arte, que podia ficar por determinação mais pobre das personalidades.

Na — "Vida e morte de Gonzaga de Sá" — há referências e alusões de que poderia prescindir, pois não havia mister mistificação-las. Para a arte, sempre sintética e geral, pouco vale as reminiscências de casos conhecidos, rotulados, e engraçados como monstros da terra, quando não passam de trivialidades cotidianas, que não têm o favor de tão longa memória.

Esse apelo contínuo a certos pequenos brios pessoais, sua importância nem desale para o autor ou para os seus leitores, transforma por vezes os seus romances em panfletos e dá cor de atualidade precária a coisas que deviam ser eternas. Mas é um leve defeito.

O biógrafo conteceu Gonzaga, empregado do Ministério de Cultos, a propósito de uma dessas questões graves, que por vezes abalam como terremoto as nossas repartições de Estado, onde a "lana caprina" e o papélio constituem as duas mais altas preocupações.

Se fossem eliminadas todas Auerbach havia com que não ter um imposto. Redução impossível. Tratava-se de um caso de salvas, devidas ao biógrafo de Cantinas, que chegava a um a bordo de um "gato". A autoridade de dezesseis tirou o caso, porém, reclamou que competiam desolto.

Foi preciso então consultar os textos, as autoridades, os especialistas e as de "utroque ius". Moveram-se os ministros e as secretarias respectivas, transferiram e exauriram liberdades e arrastados de lidações nacional e comunitária. Levantou-se um cadastro, no Ministério de Estrangeiros chamado a esse ponto, dos embaixadores de Budha, Confúcio e Je-

Lima Barreto

Recordações
do escrivo

Isaias Caminha

LISBOA

Edição de 1943

1943

sobre Lima Barreto

nos livros catalogados nas suas equivalências hierárquicas, pessoalmente aos tiros de polvéra viva.

Seu trabalho enorme resultou nítido, e como sucede nas instituições do internacionalismo e da diplomacia, falou a boca do canhão. Era a vez da artilleria. O ministro da Guerra fez assim resolver o caso com este admo parcer: "salomônico e matemático", declarando que se fosse cabiam dezotto tiros, queria o santo e reverendo prelado, mas dezessete dos tiros disparados com canhões de quinze e o último da com canhão de sete e meio. Assim, na realidade, disparavam e dezotto tiros, como queria a Igreja, ou sejam, dezessete e meio como queria o Estado. Guezo feliz e inspirada na posição de rachar a meio do doutor Westphalen.

Sobra nota de "humor" estava tudo o nosso antigo regime do padroado.

Porém, o biógrafo, que era entronado inferior no Ministério ao embaixador na França, depois de papelada, teve a ocasião e oportunidade feliz de conhecer a Gonzaga de Sá, diretor da revista de paramentos e alfaias, naquele momento engolfado no problema de aritmética sagrada acerca do número de setas que devia trazer a imagem de São Sebastião.

Porque o conhecimento com tanta simpatia. Gonzaga era poeta, repagista e voltaireano; tinha nisso a mesma completude moral do velho imperador alemão irmão de São Francisco. O biógrafo escreveu a vida de seu amigo, burocrata e filósofo, em páginas admiráveis, que resumem o texto do romance.

Gonzaga morreu, sutil como um beija-flor; ao tocar numa das suas jardim perdeu o equilíbrio, caiu e morreu de repente.

É o coitinho. Pensar em casar de vez a princípio com a filha do um visconde e depois com a luandeira. Ambas as instituições morreram sem realidade, mas, analisadas introspectivamente, achou-se idênticas em si mesmas, no fundo e nas aparências.

Na escuridão que Gonzaga, humanista e letrado, conhecia a pobreza e a metafísica e aproximava a razão das coisas e a liberdade dos nossos sentimentos.

Como toda a gente da sua geração que tem raízes na monarquia e vive da república, nele se deu uma parada da vida sentimental e talvez da independência de espírito.

É um bom rápido diálogo: — O Barão hoje de manhã escreveu um poema.

— E daí? — O poeta, extraordinariamente inquieto, visivelmente embateado, foi-lhe perguntar se devia grafar amor com acentuação.

— E o Rio Branco? — Que não era conveniente no meio do verso, mas no contexto quase se impunha.

Tenho satisfação em ver de que modo superior vai o Barão influindo nas nossas letras.

— Quando fui à Secretaria dos Cultos tratar da questão do Cardal falei em primeiro lugar, como era natural, com o diretor geral dos cultos católicos, o Barão de Inhanga. Era um velho funcionário do tempo do

Império que se fizera diretor e Barão graças ao seu nascimento e à sua antiguidade de funcionário. Homem inteligente, mas vadio, nunca entendera daquilo nem de coisa alguma. Entrava como chefe de seção e durante as horas de expediente o seu máximo trabalho era abrir e fechar a gaveta da sua secretaria. Foi feito diretor e, logo que se rimpou no cargo, tratou de arranjar outra atividade. Em falta de qualquer outra útil aos interesses da pátria, o Barão fazia a toda hora e a todo instante a ponta no lapis. Era um gasto de lapis que nunca mais se acabava; mas o Brasil é rico e aprecia o serviço de seus filhos. Quando completou vinte e cinco anos de serviço, foi feito barão.

Quantos passaram já, desde Jacé, às nossas vistas!

Gonzaga tem predileções singulares. Gosta de ler as folhas da provincia onde se agitam a inteligência e a palavra inculta em busca da expressão. Os começos são sempre interessantes. — Eu assim, diz ele, a "Pesquisa", de Cascadura.

E lia, de fato, a "Pesquisa", com o seu sumário opulento de filosofia, literatura, matemática entre árabes e índios, da "necessidade regional de corromper a lingua portuguesa" e da dissociação da matéria, e casos da semana.

E gostava: — "Cascadura dando a nova, hein?"

— É verdade.

— E por que não? à vista dos nossos grandes jornais a "Pesquisa" é uma boa publicação intelectual.

— Um jornal, dos grandes, tu bem sabes o que é: uma empresa de gente poderosa, que se quer adúlada e só tem certeza naquelas inteligências já firmadas, registadas, carimbadas, etc. etc. Demais, o ponto de vista limitado e restrito dessas empresas não permite genão publicações para os leitores medianos, que querem política e assassinatos. Os seus proprietários fazem muito bem. Dão o que lhes pede o público... Se não consultam as médias, tem que lidar com os potentados, os grandes, porém se a serviço deles — gente, em geral, perfeitamente estranha ao tenue espírito brasileiro e que não quer saber de coisas do pensamento desinteressado... Além disso, são necessárias mil curvaturas para chegar até eles, os grandes jornais; e, quando se chega, para não escandalizar a mídia e a grande burguesia, onde eles tem a sua clientela, é preciso atrair fora o que se tem de melhor na cachola.

Assim, a hereditariedade ou a gravitação não são leis: faltam-lhes o decreto, o aviso ou portaria do poder competente. Bobagens, sem parágrafos, sem sanção presidencial, não são leis e nem podem ser acatadas.

Enfim, é possível que o doutor Xisto calha um pouco de razão e não será tão idiota quanto parece ao romancista. Pelas suas origens históricas, a "lei" era realmente isso, uma criação jurídica. Os sabios das ciências naturais, já tarde, roubaram a palavra e o sentido, tomando-os as relações sociais, como as determinam a antiga jurisprudência. E não só roubaram o vocabulário e o conceito mas deram ao furto um ar de legitimidade, que excluía a vítima espoliada.

Só hoje a gravitação vale mais que um alvará de soltura.

O dr. Xisto Beidroegas é apenas um aboleto e antiquado endireitador de injustiças consumadas.

É tempo de concluir. O que escrevemos sem dúvida, o bastante para a evidência de um

de galeões que vinham às Américas buscar a prata de Potulú e ouro do coração do Brasil. E a civilização se faz por meios tão vários e obscuros que me pareceu que elas, como os veneráveis galeões que evocavam, traziam as praias do Brasil as grandes conquistas da atividade europeia, o resultado do difícil e lento evoluir dos milênios. Lembrei-me então duma frase de Gonzaga de Sá. Disse-me ele uma vez no Colombo:

— Estás vendo estas mulheres?

— Estou, respondi.

— Estão se dando ao trabalho de nos polir.

De fato elas nos traziam as modas, o andar ultimo, o pendeloque...

E essa gente de elegância e astúcia que corre as asperidades antigas da escravidão, da chatinagem colonial e trax a força de remédios terríveis e de venenos civilizadores.

Mas isso é uma opinião e um incidente. No capítulo descreve-se o enterro de um pobre homem de cor, o compadre de Gonzaga de Sá, com grande opulência de observação e de conceitos.

Os personagens e tipos secundários encaixam na "Vida de Gonzaga" — e, contudo, ainda nessas figuras de segundo plano, quanta brejeira, ou quanta graça que respiram, no próprio exagero da caricatura! Uma dessas figuras mais curiosas e desopilantes pela toleima, é a do doutor Xisto Beidroegas, bacharel e coluna da respeitabilidade do Estado.

O doutor Beidroegas, burocrata até à medula dos ossos, tinha o fanatismo sagrado da Lei. Para o nosso homem a lei é sempre ofensiva. Ninguém tem direito perante ela: todo o requerimento deve ser indeferido, e isto depois de atordoador o requerente com mil informações, pareceres, voltas e viravoltas do expediente.

O dr. Xisto está muito longe de ser inverossímil: é um produto natural do papelório, do caos legislativo e das incoerências administrativas. Algumas centenas de Xistos fazem a segurança de Estado.

A tal ponto que Xisto Beidroegas só reconhece como leis as que emanam de decretos, avisos e portarias.

"Uma vez eu lhe falei na lei da hereditariedade."

— Lei? exclamou. Isso lá é lei! Não passo de sentença de algum filósofo. Qual o Parlamento que a aprovou?"

Assim, a hereditariedade ou a gravitação não são leis: faltam-lhes o decreto, o aviso ou portaria do poder competente. Bobagens, sem parágrafos, sem sanção presidencial, não são leis e nem podem ser acatadas.

Enfim, é possível que o doutor Xisto calha um pouco de razão e não será tão idiota quanto parece ao romancista. Pelas suas origens históricas, a "lei" era realmente isso, uma criação jurídica. Os sabios das ciências naturais, já tarde, roubaram a palavra e o sentido, tomando-os as relações sociais, como as determinam a antiga jurisprudência. E não só roubaram o vocabulário e o conceito mas deram ao furto um ar de legitimidade, que excluía a vítima espoliada.

Só hoje a gravitação vale mais que um alvará de soltura.

O dr. Xisto Beidroegas é apenas um aboleto e antiquado endireitador de injustiças consumadas.

É tempo de concluir. O que escrevemos sem dúvida, o bastante para a evidência de um



Lima Barreto, numa caricatura de Hugo Pires

juízo seguro, nos absolva de palavras vãs e de fatigantes lisonjas.

Lima Barreto é certamente um dos espíritos mais notáveis da nova geração de escritores. Arte, cultura, graça e amenidade simplicidade de estilo, casam-se aos dons de harmonia arquitetônica das suas obras.

Neste momento, cremos que é candidato a uma vaga da Academia brasileira: em princípio, pouco, pouquíssimos, poderiam disputar-lhe essa consagração.

Entretanto, há razões práticas, que o excluem daquela competência. Uma delas, por ventura a única de consideração, é o fruto de sua própria negligência.

Acadêmico que sou, não quero nomeá-la, por não cometer um doesto, levantar um quixote ou autorizar uma injustiça.

Em todo caso, a Academia, que não peca por exclusivismo, cremos, antes pelo contrário, realiza as mais largas concessões, não é nem pode ser o país da Boemia.

Ela, como o romance do autor, também abre portas travessas, por onde conseguem entrar os Beidroegas de meu filho.

Mas, Lima Barreto entraria pela porta principal e talvez pela minha mão se fosse ela firme, e eu pudesse entendê-la.

(Imparcial, 21-4-1919)

Bibliografia de Lima Barreto

Recordações do Escravidão Isaias Caminha — Livraria Classica de A. M. Teixeira — Portugal — 1909.

Recordações do Escravidão Isaias Caminha. 2.ª edição, revista e aumentada. Com uma breve notícia e uma errata. — XIII — 234 páginas — Revista dos Tribunais — Rio, 1919.

Triste fim de Polycarpo Quaresma — 352 páginas — Tip. Revista dos Tribunais — Rio, 1915.

Numa e a Ntina — Rio, 1915.

Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá. — 201 páginas — Edição da Revista do Brasil — São Paulo, 1919.

Histórias e Sonhos — Contos. 183 páginas — Glanorenco Schettino, Livraria Editora — Rio, s. d. (1920).

Os Bruzundangas (sátira política sobre o Brasil) — 101 páginas. Jacinto Ribeiro dos

Santos, Rio, 1922. *Bagnetes* — Coleção de artigos de revistas e jornais — 217 páginas — Empresa de Romances Populares — Rio, 1923.

Cemitério dos Vivos. Romance que ficou inacabado. Sua não se passaria no Hospício de Alienados e é tradução que Lima Barreto o considerava sua obra prima.

Entre as várias revistas e vários jornais em que Lima Barreto colaborou, citamos: — *Starcel*, que ele próprio editou, e onde publicou, inicialmente, as *Recordações do Escravidão Isaias Caminha* (Rio — 1907); *A Epoca* (Rio de Janeiro); *Revista Souza Cruz* (Rio de Janeiro).

Ultimamente, a revista *Vamos Ler!* tem republicado numerosos trabalhos do escritor. Chamamos a atenção também, para o número de maio de 1941 da *Revista do Brasil*, onde existe um excelente estudo de J. A. P. de F. Pereira sobre Lima Barreto.

Um discípulo de Machado - Títilo de Alhoja

LIMA BARRETO — A Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá — Rev. do Brasil — S. Paulo — 1919.

Dos livros de Lima Barreto se cria um grande descontento de viver. Vencida a vida, adaptada, conformada à sua literatura um livre portador de tedo e amargor. Sua obra é uma galeria de personagens sociais, magníficos e trágicos. O clero de Politécnica Quaresma, tipo nacional clássico, estica o ri-dículo. Fala do que um ironista, sua crítica na sua realidade, Lima Barreto é um caricaturista. Ainda nos seus tipos peiora-dos, aqueles que julgam por suas palavras, não desfalca a feição do autor, a quem não escapam os defeitos, os vícios, os tra-quiques dos melhores. São ho-mens, e tanta basta... Lima Barreto é um humorista da espi-rite irracional de Machado de Assis. Pode-se dizer que, depois disso, é o nosso humorista. Ma-chado de Assis chegou ao hu-morismo perfeito aquele equi-líbrio sapiente de pensamento e estilo, nos seus últimos livros. As primeiras produções de sua pena — Helena ou A Mão e a Luva — eram histórias singe-las de nossa vida urbana, pla-cidamente sentimentais. Lima Barreto atingiu o humorismo — do primeiro impulso —, porque essa era a feição ingênua do seu espírito. Ressente-se por isso, a sua obra de alguma incerteza, de muito desleio e ainda de uma certa incontinência de pen-samento. A revolta contra os males sociais rompe a mudez e o verniz da ironia. Ainda não ul-cançou a impossibilidade do "humor". Lá chegará, se ven-cer o tedo de viver.

Se a realidade literária é a que cria tipos duradouros, per-sonagens de ficção mais rípias que se foram histórias — Har-pagum, Don Juan, Werther, D. Quixote, conselheiro Acácio ou Brás Cubas — Lima Barreto veio enriquecer a nossa escassa galeria. Todos os tipos da re-dação do Globo, nas suas "Mo-nias do Escriba Isidoro Caminha", o Policarpo Quaresma, o Ricardo Cordeiro dos Outros, e agora Gonzaga ou o Xisto Beldroegas, são personagens de nossas virtudes e defeitos. Seus finidos, símbolos humanos do livro evoluem sempre num meio especial, que é quase uma personagem. No "Isidoro Caminha" foi a imprensa amarela; no "Policarpo Quaresma", o sa-cobinismo rubro; no "Gonzaga de Sá" é a repartição pública. No prefácio diz ter querido es-crever a biografia de um "escri-ba ministerial". Esteve alem a quem do propósito. O livro é um grande olhar lançado pela ordem das coisas e das ideias, e todo ele, por assim dizer, in-terior. Dos vários aspectos do Rio, a quem ama, tira Gonzaga agudas reflexões e conceitos suus, como bom "abstracteur de quintessence" que é. O espetá-culo do teatro Lirico (estamos em 1906), as francesas da rua Gonçalves Dias, a gente de Pe-trópolis ou o pessoal dos su-búrbios, tudo passa pelo seu cri-vo, como semente de livros co-gitados enpenhosos. Um gran-de amor pelo Rio e uma verda-deira compreensão de sua pol-sagem emolduram a ação que é nula, por assim dizer. O suave Rocio de Machado de Assis res-suma dessas páginas de viagem sibili pelo mundo das ideias. Foi assim a fim da intenção do prefácio, sem todavia estudar a fundo, como merecia, a Repar-tição Pública. Tem páginas de-licadas de ironia sobre a "Sa-cristia dos Cultos", sobre a "grande guerra" dos "saibos no bairro de Terecintins", no traçar do tipo fútil do Xisto Beldroegas, o perito funerário, mas não capta o espírito, que per-mance à espera do seu Lima Barreto cu de um novo Xisto Acetado.

(Continuação da página 107)

UM CONTO DE

C L O

Devia ser já a terceira pessoa que lhe sentava à mesa. Não lhe era agradável aquela sociedade com desconhecidos; mas que fazer naquela segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias teem todas as mesas ocupadas e as cerimônias dos outros dias destinam-se, dissolvem-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desajeitados sujeitos sem atractivos, o terceiro conviva respeitava todo o desgosto causado pelos outros. Uma mulher bonita e bem tratada e sempre bom fer-se à vista, embora sendo desconhecida, ou, talvez, por isso mesmo.

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só moendo cismas, bebendo cerveja, obediente ao seu velho habito. Se fosse um dia comum, estaria cercado de amigos; mas, os homens populares, como ele, nunca o são nas festas populares. São populares a seu jeito para os frequentadores das ruas célebres, cafés e confeitarias, nos dias comuns; mas nunca para a multidão que desce dos arrabaldes, das subúrbios, das provincias vizinhas, abafa aqueles e como que os atropela. Contudo não se sentia deslocado...

A quinta garrafa já se esvaziava e a sala continuava a encher-se e a esvaziar-se, a esvaziar-se e a encher-se. Lá fora, o falote dos mascarados em trole, as longas cantilenas dos cor-dões, os risos e as musicas lascivas enchiam a rua de sons e ruidos descontraídos e, dela, vinha à sala uma satisfação de viver, um fremito de vida e de luxúria que convidava o velho professor a ficar durante mais tempo, bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E esse fremito de vida e luxúria que faz estremecer a cidade nos três dias de sua festa clássica, naquele momento, diminui-lhe muito as grandes maguas de sempre e, sobretudo, aquela teimosa e pequenina de hoje. Ela o pusera assim macambuzo e isolado, embora mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, de rumor, de embriaguez e luxúria dos outros, em segunda-feira gorda.

O "jacaré" não dera e muito menos a centena. Esse capri-cho da sorte tirava-lhe a esperança de um conto e pouco — doce esperança que se esvaia amargosamente naquele crepus-culo de galhofa e prazer.

E que trabalho não tivera ele, dr. Maximiliano, para fazê-lo brotar no seu peito, logo nas primeiras horas do dia! Que chusmas de interpretações, de palpites, de exames cabalísticos! Ele bem parecia um auge romano que vem dizer ao Consul se deve ou não oferecer batalha...

Logo que ela lhe assomou aos olhos, como não lhe pareceu certo aquele navegar precavido dentro do nevoeiro mar do Mistério, marcando rumo para aquele ponto — o "jacaré" — onde encontraria sossego, abrigo durante alguns dias!

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem provisões quase e com debéis energias para levar o barco a salvamento... Como havia de comprar bismas, "confettos", serpentinas, अगर automovel? E — o que era mais grave — como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mostrar, sábado próximo, na rua do Ouvidor em toda a plenitude de sua beleza, feita de ele não sabia como, da rija carnadura de Italia e de uma forte e exótica exalação sexual... Como havia de dar-lhe o vestido?

Com aquele seu olhar calmo em que não havia mais nem espanto, nem reprovação, nem esperança o velho professor olhou ainda a sala tão cheia por aquelas horas, tão povoada e animada de mocidade, de talento e de beleza. Ele viu alguns poetas conhecidos, quis chamá-los mas pensando melhor, re-solveu continuar só.

O velho dr. Maximiliano não se cansou de observar, um por um, aqueles homens e aquelas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e aleijões morais; e ficou um instante a pensar se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulavam, embora a degradem também.

Por esse tempo, então, notou ele a curiosidade e a inveja com que um grupo, de modestas meninas dos arrabaldes exa-minava a "toilette" e os ademanes das mundanas presentes.

Na sua mesa, atraindo-lhes os olhares, lá estava aquela for-mosa e famosa Eponina, a mais linda mulher pública da cidade, produto combinado das imigrações italiana e espanhola, extraordinariamente estúpida, mas com um olhar de abismo, cheio de atenções, de promessas e de volúpia.

E o velho lente olhava tudo aquilo pausadamente, com a sua indulgência de infeliz, quando lhe veio o pensar na casa, naquele seu lar, onde o luxo era uma agura, uma dor, ama-riada pela musica, pelo canto, pelo riso e pelo alcool.

Pensou, então, em sua filha, Clodia — a Cló, em familia — em cujo temperamento e feição de espirito, havia estofo de uma grande hetaira. Lembrou-se com casta admiração de sua carne veludosa e palpitante, do seu armar às dansas lúbricas, do seu culto à "toilette" e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelos licors fortes; e, de repente e por instantes, ele a viu coroada de hera, cobrindo mal a sua magnifica nudez, com uma pele mosqueada, o ramo de tirso erguido, dançando, religiosamente bêbada cheia de fúria sagrada de bacante: "Evoé!", "Bacé!"

E essa visão antiga lhe passou pelos olhos quando a E-po-nina ergueu-se da mesa, tilintando as pulseiras e berloques caros, chamando muito a atenção de Mme. Rego da Silva que, em companhia do marido e da sua extremosa amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade, tomavam sorvetes, numa mesa ao longe.

O doutor Maximiliano, ao ver aquelas joias e aquele vestido, voltou a lembrar-se de que o "jacaré" não dera; e refletiu, talvez com profundidade, mas certo com muita amargura, sobre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou desviar o problema da sua multiplicação em Cló, tão maravilhosa e tão rara. Como é que ele tinha posto no mundo um exemplar de mulher assim viciosa e delirando como era a filha? De que misteriosa célula sua zaira aquela floração exuberante de forma humana? Vinha dele ou da mulher? De ambos? Ou de sua mulher só, daquela sua carne apalcoada e ardida, não trepidava quando lhe recebia as Leões de piano, na casa dos pais?

Não pôde, porém, resolver o caso. Aproximava-se o doutor André, com o seu rosto de icolo peruano, duro, sem mobilidade alguma na expressão, acendrada, onde o ouro do ar do pin-ceo se fazia lentamente e duramente a borda erdosa.

Era um homem forte, de largos ombros, musculoso, torax

saliente, saltando; e, se bem tivesse as pernas arqueadas, não assumiam mesmo um belo exemplar da raça humana.

Lamentava-se que ele fosse um bacharel vulgar e um su-jeto obscuro. A sua falta de aptidão intelectual, de in-tilidade, de inutilidade, a sua fraca capacidade de abstracção e de debil poder de associar ideias não podiam fosse de mais e de mais e de mais. Ele seria rei, estaria no seu quadro natural, na Câmara, mas remando em águas ou iguirs nos nevoeiros arios ou detendendo aquelas fortes areias de iri que do-riam frechas hervadas com curru.

Era o seu último amigo, entretanto o mais constante, o mensal de sua mesa lucubra.

Deputado como já ficou dito, e rico, representava uma multa galhardia e liberalidade uma feitoria mania na casa, as salas burguesas; e, apesar de casado, a filha do autor, a fessor, a lasciva Cló, esperava casar-se com ele, pela rua do Sol, um novo culto recentemente fundado por um mestre-sor ilustrado e sem emprego.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sobre os projetos; não os aprovava, nem os reprovava. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o enveredado



Ilustração de Euclides Souza para o conto "Cló", de Lima Barreto ("Vozes Livres" — 1943)

Todos os Santos, 19 de Janeiro de 1931

Querido Sr. Austregesilo de Athayde,

Recebi a sua carta de 15 de Janeiro, e fiquei muito contente. Agradeço-lhe muito a bondade que teve dirigindo-me a carta aberta que a "Tribuna" publicou em 14 de Janeiro.

Queria, por muito, saber dos termos da excomunhão que me foi dada pelo Padre Mestre Thaden.

Não tenho nenhuma malquerença com os padres e nem com os irmãos de certas ordens. Se há algum anticlericalismo na minha pessoa, é contra as irmãs de toda a sorte que dirigem colégios de gente rica. Essa gente nos faz muito mal; e, se algum dia vier a ser revolucionário, por certo — não só mando fechar todos os colégios que houver por aí, como expulso do Brasil as irmãs.

Veja, portanto, que a minha curiosidade não é mais nem de amigo: é curiosidade. Não me sinto capaz de gabar-me por isso do viado do seminário. Mesmo com grandes dúvidas sobre a Igreja, não chego de amor pelos homens e respeito diante do Mistério que conserva o amor, como sacerdote católico, podia prestar muito serviço à humanidade. Gostei que o sr. me separasse de Machado de Assis. Não lhe negando os méritos de grande escritor, sempre acherei no Machado muita segurança de alma, muita falta de simpatia, falta de boas palavras generosas, uma porção de seixos pueris. Jamais a minha e jamais me inspirem. Que me falem de Matheus, de D. João, de Swift, de Balzac, de Daudet, de lá: mas Machado, nunca! Até em Turgueniev, em Tolstói, podiam ir buscar os meus modelos: mas em Machado, não! — Leu?

Machado escrevia com medo do Cusúlio e escondendo a verdade para não se rebaixar: eu não tenho medo da palatatura do Cusúlio e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e conto, sem calcular se me rebaixo ou se me exalto.

Creio que é grande a diferença. Havemos de conversar muito porque preciso que me traduza aquele pedacinho de Hermano. Assim, só sei o que há nas páginas rotundas do pequeno Larousse.

Sem mais, etc., etc.

LIMA BARRETO

Major Mascarenhas, 26. Todos os Santos.

Correspondência de escritores

Carta de Lima Barreto a Austregesilo de Athayde

Todos os Santos, 19 de Janeiro de 1931.

Meu caro sr. Austregesilo de Athayde.

Saudações.

Agradeço-lhe muito a bondade que teve dirigindo-me a carta aberta que a "Tribuna" publicou em 14 de Janeiro.

Queria, por muito, saber dos termos da excomunhão que me foi dada pelo Padre Mestre Thaden.

Não tenho nenhuma malquerença com os padres e nem com os irmãos de certas ordens. Se há algum anticlericalismo na minha pessoa, é contra as irmãs de toda a sorte que dirigem colégios de gente rica. Essa gente nos faz muito mal; e, se algum dia vier a ser revolucionário, por certo — não só mando fechar todos os colégios que houver por aí, como expulso do Brasil as irmãs.

Veja, portanto, que a minha curiosidade não é mais nem de amigo: é curiosidade. Não me sinto capaz de gabar-me por isso do viado do seminário. Mesmo com grandes dúvidas sobre a Igreja, não chego de amor pelos homens e respeito diante do Mistério que conserva o amor, como sacerdote católico, podia prestar muito serviço à humanidade. Gostei que o sr. me separasse de Machado de Assis.

Não lhe negando os méritos de grande escritor, sempre acherei no Machado muita segurança de alma, muita falta de simpatia, falta de boas palavras generosas, uma porção de seixos pueris. Jamais a minha e jamais me inspirem. Que me falem de Matheus, de D. João, de Swift, de Balzac, de Daudet, de lá: mas Machado, nunca! Até em Turgueniev, em Tolstói, podiam ir buscar os meus modelos: mas em Machado, não! — Leu?

Machado escrevia com medo do Cusúlio e escondendo a verdade para não se rebaixar: eu não tenho medo da palatatura do Cusúlio e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e conto, sem calcular se me rebaixo ou se me exalto.

Creio que é grande a diferença. Havemos de conversar muito porque preciso que me traduza aquele pedacinho de Hermano. Assim, só sei o que há nas páginas rotundas do pequeno Larousse.

Sem mais, etc., etc.

LIMA BARRETO

Major Mascarenhas, 26. Todos os Santos.

UM CONTO DE LIMA BARRETO

(Continuação da pág. anterior)

ças de Carnaval. Deu uma pequena caixa a d. Isabel e uma maior a Cló. As joias saíram dos escrínios e falsaram enfeitadamente para todos os presentes deslumbrados. Para a mãe, um anel; para a filha, um bracelete.

— Oh, doutor! fez d. Isabel. O senhor está a sorrir-se e nós não podemos consentir nisso.

— Qual, d. Isabel! São falsas, nada valem... Sabes que d. Clódia ia de "pretá minha" e lembrei-me trazer-lhe esse enfeite...

Cô agradeceu sorridente a lembrança e a filha não quis fixar demoradamente o longo sorriso de alegria e contentamento. E voltaram a tocar. D. Isabel pôs-se ao piano e, como tocasse depois da sobremesa, hora da melancolia e das discussões transcendentais, como já foi observado, executou alguma coisa triste.

Chegava a ocasião de se prepararem para o baile e fantasia que os Silvas davam. As senhoras retiraram-se e ficaram, na sala, os homens, bebendo "whisky". André, impaciente e desatento; o velho jeito, indiferente e compassivo, contando histórias brejeiras, com vagar e cuidado; o filho, sempre a procurar o caminho para exibir o seu saber em coisas carnavalescas. A conversa ia calando, quando o velho disse para o deputado:

— Já ouviu a "Bamboula", de Gottschalk, doutor?

— Não... Não conheço...

— Vou tocá-la.

Sentou-se ao piano, abriu o album onde estava a peça e começou a executar aqueles compassos de uma música lenta de Nova Orleans que o famoso pianista tinha filtrado e revivido. A filha entrou, linda, fresca, veludosa, de pano da Índia ao ombro, trunfa, com o colo inteiramente nu, muito rico e marmoreo, separado do pescoço modelado, por um colar de falsas turquesas. Os braceletes e as missangas tilintavam no peito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os laços de crivo da camisa de linho rendavam as raízes dos seios nus que mal suportavam a alvissima prisão onde estavam retidos.

André pôde requebrar, aos últimos compassos da "Bamboula", sobre as chinelas que ocupavam a metade dos joelhos e toda risinha sentou-se por fim, esperando que aquele "Bamboula" de "pince-nez" de ouro lhe dissesse no ouvido:

"Os teus lábios são como uma fita de escarlate; e a tua voz é doce. Assim como é o vermelho da rosa partida, assim é o nacar das tuas faces; sem falar no que está escondido dentro".

O doutor Maximiliano deixou o tamborete do piano e o deputado, bem perto de Clódia, se não falava como o rei Salomão à rainha de Sabá, dilatava as narinas para sorver toda a exalação acre daquela moça, que mais caputosa se fazia dentro daquele vestuário de escarva despretada.

A mãe encheu-se de outras convidadas e a sessão de música veio a cair na canção e na modinha. Fred cantou e Cló, imitada pelo doutor André, cantou também. O automóvel não tinha chegado: era linha tempo.

D. Isabel acompanhava; e a moça, pondo tudo que havia de redução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a "Canção da Preta Mina":

Pimenta de cheiro, ôô, quimbombô;
Eu vendo barato, mi compra yôô!

Após isso, era com prazer especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um longo e íntimo que ria, arrastando as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o dr. André e dizia vagamente:

Eu vendo barato, mi compra yôô!

Após isso, era com prazer especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um longo e íntimo que ria, arrastando as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o dr. André e dizia vagamente:

Eu vendo barato, mi compra yôô!

E repetia com mais volúpia, ainda uma vez:

Eu vendo barato, mi compra yôô!

ÚLTIMOS ENCONTROS - LIMA BARRETO

— Bem magnificamente, em um amplo quarto desses das velhas casas do Rio de Janeiro que dão bem a imagem da fartura e da liberdade da nossa burguesia nos meados do século passado. Era maior do que as salas das nossas apelintradas casas de hoje. Despertei malhada e abontada. O quarto em que dormi dava para a sala de jantar. Penetrando aí, dei com a Escolástica, de plácido olhar verdes, a vigiar atenciosamente o pequeno Aleixo Manoel, que tomava uma ligeira refeição matinal, antes de ir para o colégio. Gonzaga de Sá não estava. Ao entrar, o menino apontou a cabeça da chibata, apontou por instante os seus grandes olhos negros, encostados do prata sobre a lousa, e, imediatamente, com seu

— Vendo aquela criatura, não se quebra a minha lembrança da minha infância? — perguntou. Não, as esperanças da minha infância não constam o objetivo do afilado. Eram os atagios e o encanto da minha professora; eram também os dolorosos desdobramentos desta minha mocidade angustiosa e desigual. Não se pode investir em mim a infância, com a sua rigidez e a sua cabeça de homem. Ele me olhou, fez a saudação matinal, respondeu-me e me sentei. A velha d. Escolástica informou-me então, que o irmão esqueceu o livro e trabalhava na sala. Demorei-me uns tempos a encontrar e, de caminho, falei a ele.

Mas muito adiantado? — O Aleixo Manoel rejeitou em responder; a velha senhora, porém, obrigou-o a fazê-lo com prontidão. — Responde, Aleixo, não estás ouvindo o que te perguntam? Responde: estás adiantado? — Não estou, não senhor; respondeu ele afinal. — Em que livro estás? — Terceiro. — Com nove anos, vai bem. Não estás animado-o. Já dáis a lição do Brasil? — Não, senhor. — Quem descobriu o Brasil? — Pedro Álvares Cabral. — A América? — Cristóvam Colombo. — Qual foi a primeira des-

coberta, a da América ou a do Brasil? — A da América. — Por que? — Porque o Brasil faz parte da América, e quem descobriu a América, também o Brasil, porque ele está na América. — Então foi Cristóvam Colombo quem descobriu o Brasil? Que respondeu? — O rapaz calou-se, franziu um instante as sobrancelhas e, depois, disse com toda a firmeza: — Não. Colombo foi quem viu pela primeira vez um lugar da América, por isso se diz que descobriu ela toda; mas Cabral viu depois, pela primeira vez, lugares do Brasil, por isso diz-se que descobriu o Brasil. — A custo, disfarcei a minha surpresa diante da clareza do raciocínio do pequeno. Não quis com um elogio caloroso aguar-lhe a validade; desejava que a sua inteligência fosse crescendo sem consciência de si próprio; e então quando fosse bem forte, ele tomasse conhecimento da sua capacidade, como uma revelação, como uma surpresa. Limitel-me a dizer-lhe que estava certo e passei a perguntar outras coisas. Por fim, depois de ter respondido às minhas perguntas com uma prontidão que me maravilhava, passou a correr da mala pelo pescoço, apanhou a lousa e despenhou-se. Beijou e abraçou d. Escolástica, e ambos o fizeram de maneira a me deixar perceber que um queria mais alguma coisa no outro, e que ambos não sabiam porque não a tinham.

Foi-se. — E' inteligente o rapaz, disse eu à velha senhora. — Bastante. Que desejo de saber tem este pequeno! O senhor nem imagina! Brinca, e verdade; mas, a notinha, agarra os livros, os deveres e os vai estudando, sem que ninguém o obrigue. Quem me dera que fosse assim até o fim! — Por que não irá? — Ora! Há tantos que como ele começam tão bem e... — E' verdade! Mas, virá deles mesmos a perda da vontade, o enfraquecimento do amor, da dedicação aos estudos; ou tornará farto raízes em motivos externos, estranhos a eles que, só numa idade mais avançada, acabam percebendo, quando a consciência lhe revela o justo e o

injusto, fazendo que se lhe enfraqueça deploravelmente o impulso inicial? — Ori que d. Escolástica não me compreendia, e procurei dizer a mesma coisa por outras palavras. — Quem sabe se, na primeira idade, eles estudam porque desconhecem certas coisas que, sabidas mais tarde, lhes fazem desanimar e sentir vão o estudo? — Qual, doutor! (Ela me tratava dessa maneira) — E' assim mesmo! — E calou-se, depois de sua segura afirmação, como os grandes e infalíveis sábios do nosso Brasil. Tomei café e fui ter com Gonzaga de Sá na sua vasta sala de trabalho. Ele recostado na cadeira de balanço, lia atentamente um jornal. Saudamo-nos e logo lhe observei: — Julgava-te na arrumação, mas vejo que estás embevecido na leitura das gazetas. — Uma jornalista francesa que acabo de receber. Ateli a arrumação. — Qual é o jornal? — O "Figaro". Lido um por dia, como se fosse publicado aqui e entregue de manhã na minha porta. Ando sempre, por isso mesmo, atrasado com os acontecimentos mundiais. — Em que ponto está a Conferência de Haia? — Na classificação das nações. — Não cheguei ainda a... Estou atrasado... — Onde está? — Na nomeação de comissários. — De modo que sempre andas quinze dias atrasado com o mundo? — As vezes, muito mais. — Ora! o tempo. Uma noção subjetiva, que só existe para nós. — Uma fatalidade da nossa organização cerebral. Independente da experiência. Um critério, uma categoria para a nossa interpretação humana dos fenômenos... De que vale? — Nada responde, porque não tinha nada a responder. O meu velho amigo, após um pequeno silêncio, perguntou-me: — Viste o Aleixo Manoel? — Vi. — Que te pareceu? — Aplicado e inteligente. — Graças a Deus. — E tornou de novo ao jornal francês que estava lendo. Apunhei os jornais do dia, em cima da mesa do centro; li-os e, assim pelas nove horas, despedi-me. Não achava o Aleixo; chegaria tarde à repartição.

Ao despedir-me, Gonzaga me pediu: — Vem mais a meu lado, para conversar com Aleixo. Ele vive tão só... — Depois da morte do seu compadre, a sua constante preocupação era o afilado. Sem nenhum pretexto, sem causa nem motivo, em meio de uma palestra sobre assunto muito diverso, dava-lhe para falar no filho do Românico. Uma voz dizia: Preciso leva-lo ao museu; outra, talvez fosse bom pô-lo de interno, para ganhar convicção, desembaraço, hábitos de sociabilidade. Que achas? — Eu possuía poucas aptidões pedagógicas, que e conhecias; e respondia evasivamente. Notava, entretanto, que a presença constante da criança, a contemplação dela todo o dia, na intimidade familiar, tinha acelerado aquela alteração do humor no temperamento do meu velho amigo, que já observei; e trouxe-lhe mais uma carga de apreensões que não lhe eram habituais. Mudara... Gonzaga amava ternamente o rapaz; via-se bem que o queria como seu filho e assim o tratava nos menores atos, e nas mais simples palavras que lhe dirigia punha a meiguice e a docura do pai. Depois desta visita, mais de uma vez, porém, eu o

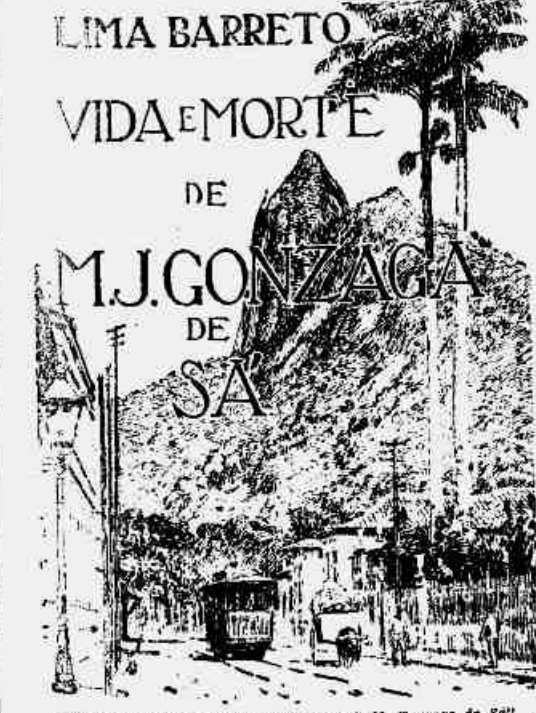


Um dos retratos mais divulgados de Lima Barreto

surpreendi a olhar o afilado com olhar de sibila. Havia não sei que grande esforço de penetração na sua mirada, que eu quis bem crer estar ele no propósito de decifrar o futuro do pequeno. Certa vez, depois de um olhar destes, disse-me: — Esta vida é um conto de vigário... — Só a presença do afilado não me bastava para explicar a mudança de humor de Gonzaga de Sá que, agora, via e visitava ameadamente, conforme ele me pedira. — E' verdade que sempre o conheci triste; mas de uma tristeza por assim dizer, filosófica, geral, essa tristeza de sentir profundamente a mesquize da nossa condição humana, em luta sempre com o imenso dos nossos desmatados sonhos e desejos. Porém, agora, a sua tristeza era mais atual, mais terra a terra. Dir-se-ia que a presença do Aleixo Manoel, o afilado, tinha levantado do fundo da pessoa do meu amigo lembranças dolorosas que se pultara para sempre; lembranças essas que eram seu segredo e das quais nunca me falou e não encontrei o mínimo indício para descobri-las nos papéis que ele me legou, por testamentamento juntamente com umas centenas de livros. Lembro-me, ao escrever estas linhas, que um dia ele me dissera: — Já tiveste algum amor? — Nunca. — Ous que fale de amor? — Heim? — Compreendo. — E' preciso tê-lo... Tenho te dito sempre que os antigos afirmavam que Venus é uma deusa e uma deusa vingativa. Não perdoa e tu sofrerás se não lhe prestares culto... — Não há Venus, retorqui. — Quem sabe lá? — Trocávamos estas palavras nos últimos dias da sua existência, quando a alteração do seu gênio já se refletia claramente na saúde; e eu via bem que Gonzaga de Sá lançava-se, dissolvia-se vagarosamente no fogo lento de suas secretas recordações, e dos desgostos que o aparecimento delas lhe fazia assombar na alma. As faces se encovavam, os olhos, seus doces olhos, perdiam o brilho, apareciam mortuos e ganhavam uma estranha aureola. Não andava com a mesma fir-

meza e o seu humor continuava a desequilibrar-se ainda mais. De uns tempos em diante, a sua palestra era frequentemente cortada por bruscas explosões de irritação, de queixumes indignos de sua atitude, em geral pueris e sem fundamentação, passando espantadamente da mais intensa tristeza para a mais ruidosa alegria. — Aleixo Manoel, o afilado, trouxe-lhe — quer, sabe? — Para a vida, alguma coisa que queria não viesse lamela, ou não reaparecesse nunca; e ele sofria com isso, entristecia-se, alquebrava-se de corpo e alma, sem que fosse possível a mim atribuir diretamente tais modificações ao meu amigo, ao doçilo, ao melgo, ao obediente Aleixo Manoel que ele pusera em sua casa, afins de ficar sendo seu filho. — Itei de fazê-lo gente, dizia-me às vezes, cheio de esperança e de alegria. — Não pude levá-lo até o fim. — Ao encetar o pequeno curso de preparatórios, logo por aí, foi quando ele recheu a flor, e caiu, e morreu... — A tia levou o menino até o fim, com todo o carinho e abnegação. — Depois a ombra, que, na sua infância educadora, houveram ser bons, sem interesse e sem cálculo de espécie alguma, apesar de todos os onzes terem concorrido para ampliar, com o hábito do análise e reflexão que o estudo trás, a consciência da criança que devia ficar restrita aos dados elementares para o uso do viver comum, sem que viessem surgir nela uma márgem constante e um fatal princípio permanente de inadaptabilidade ao meio criando-lhe um mal estar irremediável e, consequentemente, um desgosto da vida mais atroz do que o pensamento sempre presente da morte!

Que importa isso, porém, se as atenções dos velhos foram generosas; e, se os sofrimentos do pequeno, exteriorizado algum dia com grandes atos ou em grandes obras, possa concorrer mais tarde para o contentamento de sua consciência, quando vierem depois? Que importa? — A felicidade final dos homens e o seu mútuo entendimento tem exigido até aqui maiores sacrifícios... (J. M. Gonzaga de Sá)



Página de rosto de "Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá"

A Homenagem a Triste fim de Polycarpo Quaresma
de Almeida Magalhães
 27-3-6

Deixei o Sr. Lima Barreto a Hernandes Fontes, não exemplar de "Triste fim de Polycarpo Quaresma" 10 exemplar pertence ao Sr. Antonio Aranha

Correspondência de escritores

CARTA DE LIMA BARRETO A ALMEIDA MAGALHÃES

Em 15 de Julho de 1918.

Meu caro sr. Almeida Magalhães,

Muito saudade.

Por intermédio do nosso caro amigo Jackson, recebi o seu livro sobre "Triste fim de Polycarpo Quaresma".

De lá muito, desde os tempos em que passei na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que se accidentalmente faço leituras filosóficas. Quando saí da ilha, em casa ou na biblioteca, lia o meu maravilhoso "Desarrollo", o Comte, o Spencer e mesmo o Kant; mas, desde que a abundância do tempo me veio para a literatura, para a história e para as questões econômicas e sociais, sobretudo agora para estas, pois estou decidido a dar o meu tratado de cultura e de cultura, de modo que, meu caro sr. Almeida Magalhães, não está bem a vontade para fazer este o seu livro. É a matéria de filosofia, não sou eu um responsável e já não sou mais um leitor. A não ser os livros de Jackson, do Nestor e agora o seu sobre o Comte e sobretudo Parias Brito, o último livro que li em relação a ele foi "A Estética de Schopenhauer", de André Fanchon.

Entretanto, sigo o trabalho que

os senhores estão fazendo para discutir o pensamento de Parias Brito, cujos livros, esqueci-me dizer-lhe, li graças ainda ao Jackson. No seu estudo sobre o nosso grande filósofo, eu teria muito que lhe observar, com os meus restos de cartesianismo e meu contínuo: mas, limito-me a dizer-lhe que muito me agradou, apesar de Comte, a sua defesa de introspecção.

Eu ainda julgo o mais seguro processo para a análise psicológica e todos os outros que não por aí proposto, vão ler nele.

Há a tal respeito um artigo de Gaston Rouget — Resultados da psicologia-fisiologia. Revue des deux mondes, de 1 de setembro de 1906, que é elucidativo a tal respeito.

Como o sr. posta desses estudos, como a liberdade de recomendar-lhe a leitura que, a um profano como eu, pareceu de uma lógica esmagadora contra as pretensões de crítica geométrica (?) dos Wundts, dos Janet, etc.

Espero que o sr. não veja nestas palavras, sendo o desejo de agradecer-lhe a oferta de seu valioso livro, e nunca a presunção de que possa eu entender de matérias tão transcendentes.

Sem mais, confrade e admirador, Lima Barreto.

Alexandre Ventura Soares tinha seis e cinco anos, tocava piano, era preparador do Museu de História Natural, cargo que obtinha em concurso, lhe dava direito a uma viagem à Europa, nos tempos em que as subvenções para isso largamente se distribuíam, mas não podia ir porque não tinha dinheiro para a viagem.

Curioso com os trejeitos do homem, pôs-se a observá-lo, afim de descobrir o que significavam. Viu-o a sós e encontrou no caminho a América. El levantou por ele pensante... A filha do anão, muito naturalmente, pouco alicia a curiosidade sobre o seu jardim que não tivesse em ela por objeto, supõe que o doutor estivesse apaixonado por ela. Não, era o seu apêndice familiar, sabia que o rapaz era dado a coisas de botânica; que pertencia ao Museu; que o tratavam de doutor; logo não se podia tratar ainda de um médico.

A nossa maravilhosa inteligência nacional de que não fazem parte as mulheres, não admite que tratem de botânica ainda os médicos; e de matemática os engenheiros; quando, em geral, nem uns nem outros se preocupam em tais coisas.

Ela, porém, vivendo em círculo restrito, não tendo estudos especiais, convívios outras que não essa da sociedade, fossilizada de cérebro e com receitas de formulação no cérebro, não podia ter outra opinião que a geral na nossa terra, de clima a baixo. Aquela moça era por força doutora em medicina ou, no mínimo, estudante. Quando soube que não, teve uma pontada de despeito; e contou-lhe a fôrça que fosse tão formado com outro qualquer doutor. Foi o próprio pai que a corrigiu.

Ora filha! filha! Pois não sabia disso? Pois eu estimo muito saber que tenho na vizinhança um sábio.

O Grêmio de Monteirol, pai da Nêde, estava apaixonado e tinha a mania da Mineralogia. Ele mal conhecia o primeiro sistema de cristalografia; mas não lhe deixava a tréma. Tinha um laboratório onde não havia nem uma balança de Jolly, nem um microscópio, nem um bico de Bunsen, nem um reativo, nem um pedaço de carvão vegetal; mas quando mostrava aos visitantes, exclamava ufano:

— Vejamos como tenho livros! Vejam! Tenho o Haug, as suas duas obras: a "Estrutura dos Cristais" e a "Mineralogia", primeiras edições. Olhem aqui o Delafosse! Brilho! Heim!

E assim mostrava toda a sua biblioteca de mineralogia sistemática e descritiva. Chegava a um canto, onde havia uma pequena lagona de curives, montada em um forte soco de pau, tendo a um dos lados um pequeno martelo de carpinteiro; e observava:

— E aqui que trabalho há anos... Ainda não consegui isolar uma granada do granito... No entanto, eu as vejo em quase todas as pedras da rua sobre que ponho os pés.

Foi esta mania de procurar granadas nas pedras da rua que chamou a atenção do jovem naturalista seu vizinho. Se Monteirol buscava uma granada por menor que fosse, nas pedras soltas do seu caminho, logo apanhava o pedregulho, levava-o para casa, e martelava-o naquela lagona de fazer pedras, a cada dia pedrinha por pedrinha; mas, logo por isso ou por aquilo, a granada se escafiada e o nosso mineralogista ficava desolado. Só os parafusos do pavimento das ruas, lhe escapavam; mas, assim mesmo quando estivesse ajudado aos outros; se soltos, ele pagava a algum moleque para levar um ou outro à sua casa.

Sua filha, a Nêde, ficou muito contente; e o jovem botânico não teve nenhuma dificuldade em obter a sua mãe. O velho desembargador disse-lhe unicamente:

— Bem, Não há dúvida. O doutor tem com certeza um futuro brilhante; mas, ainda não demonstrou para que veio no mundo. Já escreveu uma "memória"?

— Não, senhor.

Faz mal. Na Alemanha, é muito usada. A "memória" demonstra capacidade para o novo, para o detalhe inédito, inexplorado, um ponto de vista que houvesse escapado aos sábios e grandes mestres... Eu queria que o meu futuro genro merecesse a filha dessa maneira, porque, na Alemanha...

Mas o senhor desembargador lá de mim extrair uma pergunta?

— Não há nega-lo: a sua objeção procede. Não havendo entre nós Academias especiais a sermões científicos, havia, portanto, embarço em ficar quem julgasse o mérito ou demérito do seu

trabalho. As que há, ou são de um trabalho literário que não dá visibilidade grande em uma pedra, ali, da pedreira do Rio Comprido, ou são formados por um médico fundador que tem pretensões a literato. Mas, o remete que os senhores não conhecem bem o Brasil, senão sabem que existe, aqui, Academia respeitável e erigida, não só por vários nomes de célebres naturalistas cultuados, como também pelo número de sábios mestres e vivos a ela pertencentes que merecem ser conhecidos pelo o valor que governa a sua modéstia, talvez pela inteligência e pelo estudo. Então não conhece o senhor a Academia dos Esquecidos?

— Não!

— É admirável! Pois, certamente, além, além dos atuais, haverá, e fazem parte aliás: Alexandre Ferrira, Conde João Gomes de Souza, o dr. José Maria de Noronha Garcia, Domingos Figueira, Lívio de Castro, Morais e Vaz, José Bonifácio...

— José Bonifácio, dos Esquecidos!

— Sim! Aquele ministro da guerra depois foi político. E como não?

— Ah!

— Compreende-me, agora?

— Pois bem. Atualmente, پیدا eu a Academia, disse o desembargador com tristeza; e depois, como um paladino, oferecia a sua nova a Ária vitória de fazer parte dela. Então aqui a minha mãe, Nêde!

Os três sábios de pedras, tocantemente; faltou porém, o grande sábio. Talvez fosse o único que não tivesse nenhuma criação; mas, a pequena, decoro, criou durante o primeiro ano.

Na sua monografia sobre o novo, um detalhe notável, o de lei de busca-lo? Foi bem entendido e, talvez, por isso, nunca supunha, na ciência, houve o movimento. Tudo já estava feito, quando não estava, quando não estava, coisa nova, coisa nova, as coisas estranhas e a ciência a coisa digníssima. E — que coisa — já que havia de se fazer para a atualidade das coisas?

Não bastavam os europeus, os alemães? Já que era preciso escrever ou inventar para a ciência? Já que a ciência era a ciência?

— Não há nega-lo: a sua objeção procede. Não havendo entre nós Academias especiais a sermões científicos, havia, portanto, embarço em ficar quem julgasse o mérito ou demérito do seu

trabalho. As que há, ou são de um trabalho literário que não dá visibilidade grande em uma pedra, ali, da pedreira do Rio Comprido, ou são formados por um médico fundador que tem pretensões a literato. Mas, o remete que os senhores não conhecem bem o Brasil, senão sabem que existe, aqui, Academia respeitável e erigida, não só por vários nomes de célebres naturalistas cultuados, como também pelo número de sábios mestres e vivos a ela pertencentes que merecem ser conhecidos pelo o valor que governa a sua modéstia, talvez pela inteligência e pelo estudo. Então não conhece o senhor a Academia dos Esquecidos?

— Não!

— É admirável! Pois, certamente, além, além dos atuais, haverá, e fazem parte aliás: Alexandre Ferrira, Conde João Gomes de Souza, o dr. José Maria de Noronha Garcia, Domingos Figueira, Lívio de Castro, Morais e Vaz, José Bonifácio...

— José Bonifácio, dos Esquecidos!

— Sim! Aquele ministro da guerra depois foi político. E como não?

— Ah!

— Compreende-me, agora?

— Pois bem. Atualmente, پیدا eu a Academia, disse o desembargador com tristeza; e depois, como um paladino, oferecia a sua nova a Ária vitória de fazer parte dela. Então aqui a minha mãe, Nêde!

Os três sábios de pedras, tocantemente; faltou porém, o grande sábio. Talvez fosse o único que não tivesse nenhuma criação; mas, a pequena, decoro, criou durante o primeiro ano.

Na sua monografia sobre o novo, um detalhe notável, o de lei de busca-lo? Foi bem entendido e, talvez, por isso, nunca supunha, na ciência, houve o movimento. Tudo já estava feito, quando não estava, quando não estava, coisa nova, coisa nova, as coisas estranhas e a ciência a coisa digníssima. E — que coisa — já que havia de se fazer para a atualidade das coisas?

Não bastavam os europeus, os alemães? Já que era preciso escrever ou inventar para a ciência? Já que a ciência era a ciência?

— Não há nega-lo: a sua objeção procede. Não havendo entre nós Academias especiais a sermões científicos, havia, portanto, embarço em ficar quem julgasse o mérito ou demérito do seu

trabalho. As que há, ou são de um trabalho literário que não dá visibilidade grande em uma pedra, ali, da pedreira do Rio Comprido, ou são formados por um médico fundador que tem pretensões a literato. Mas, o remete que os senhores não conhecem bem o Brasil, senão sabem que existe, aqui, Academia respeitável e erigida, não só por vários nomes de célebres naturalistas cultuados, como também pelo número de sábios mestres e vivos a ela pertencentes que merecem ser conhecidos pelo o valor que governa a sua modéstia, talvez pela inteligência e pelo estudo. Então não conhece o senhor a Academia dos Esquecidos?

— Não!

— É admirável! Pois, certamente, além, além dos atuais, haverá, e fazem parte aliás: Alexandre Ferrira, Conde João Gomes de Souza, o dr. José Maria de Noronha Garcia, Domingos Figueira, Lívio de Castro, Morais e Vaz, José Bonifácio...

— José Bonifácio, dos Esquecidos!

— Sim! Aquele ministro da guerra depois foi político. E como não?

— Ah!

— Compreende-me, agora?

— Pois bem. Atualmente, پیدا eu a Academia, disse o desembargador com tristeza; e depois, como um paladino, oferecia a sua nova a Ária vitória de fazer parte dela. Então aqui a minha mãe, Nêde!

ALGUNS JUÍZOS SOBRE LIMA BARRETO

MELHIROS E ALBUQUERQUE:

"O Triste fim de Polycarpo Quaresma" — prova mais uma vez que o sr. Lima Barreto é um admirável romancista. O livro tem os melhores característicos dos bons romances: suscita, de princípio a fim, o maior interesse e desenha rigorosamente tipos, que a nossa imaginação evoca com inteira nitidez."

ANTONIO TORRES:

"O único romancista de valor, e único romancista verdadeiro e que é um dos grandes homens deste país, não faz parte da Academia: é Lima Barreto".

OLIVEIRA LIMA:

"O sr. Lima Barreto é o romancista brasileiro o que Hogarth foi na pintura inglesa. Ambos pintam os ridículos e as faltas da sociedade em que se movem. Ninguém hoje, no Brasil, cultiva o gênero literário do romance com tanto talento e tanta felicidade quanto esse ironista sem rebuços nem artificiais."

CONDE AFONSO CELSO:

"Em Lima Barreto, se a ironia é de ordinário, mais discreta, mais acentuada, mais mordaz, suavia-se, não raro, em maximosas notas de piedade e conversação."

Como quer que seja — "Triste fim de Polycarpo Quaresma" representa uma das mais sugestivas e comovedoras obras de ficção publicada em nosso idioma."

JOSE OTTICICA:

"Lima Barreto conseguiu dar-nos o admirável quadro vivo desta sociedade onde impera o cafagestismo."

Pô-lo com as raras qualidades de romancista exímio que sobrederam a Machado de Assis."

ADOASTO DE GODOY:

"Polycarpo Quaresma — é obra de um ironista, de um 'blagueur', de um pessimista, mas, sobretudo, isso — de um artista com raras dons de observador, com um sentimento muito exato da realidade aguda, simples, claro."

JACKSON DE FIGUEIREDO:

"Um livro de Lima Barreto é, hoje em dia, um livro de mestre, porque, incontestavelmente, no romance social contemporâneo, Lima Barreto é dos que estão na primeira fila, sendo mesmo o primeiro da sua geração."

VITOR VIANA:

"O sr. Lima Barreto é como o sr. Machado de Assis um humorista de gênero inglês, e que se assemelha também a humoristas franceses como o sr. Anatole France."

O sr. Lima Barreto já produziu obra que ficará, e ninguém como ele penetrou em tantos dos segredos da alma da cidade."

Há, na Vida e Morte de Gonzaga de Sá, páginas magistrais de observação mordaz e de análise psicológica e onde acrescenta a série já característica de tipos, figuras e bouzados do sr. Lima Barreto, muitos outros traços que não fazem sorrir, ora fazem pensar...

PEDRO COUTO:

"Lima Barreto faz do romance não uma obra de ficção em que o mundo real só entre como modelo imprescindível aos exageros que a arte impõe, mas sim, um meio de crítica social, um processo de análise interno e por vezes doloroso, tal a sua verdade, dos costumes e dos hábitos de seu tempo."

LIMA BARRETO

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

LIMA BARRETO

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

Polycarpo Quaresma

Triste fim de Polycarpo Quaresma

O mais brasileiro dos nossos romancistas - Agripino Grieco

O maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas chamou-se Affonso de Lima Barreto. Para falar em estilo de passaporto, era, qual o viamês pouco antes de morrer, um cidadão de quarenta anos presunçosos, de cor parda, lábios grossos e face rapada, medo de altura, nem gordo nem magro e sem situações particulares.

Nasceu no Rio de Janeiro e durante toda a vida não fez outra coisa senão adorar a sua cidade natal. As personagens de seus romances se movem raramente por além dos arredores da metrópole. O interior rural do país, se o preocupava, era através das reduções de vida agrícola dos latifundiários suburbanos, de Casimiro a Jaraguá, de Mangaratiba ou São Mateus. A estrada real de Santa Cruz parecia-lhe, mais tarde, que a avenida Central, a verdadeira grande artéria do Distrito. Encontrava-se ao ver, nos imediações de Inhamanga, as pobres mulheres do povo que, de passagem pelos estúdios aquáticos, agarravam, para ornar a humilde do seu casarão, algumas flores de melão de S. Caetano. As denominações indígenas dos lugares circunvizinhos também o preocupavam. A maneira de Vieira Fazenda e do seu amigo Noronha Santos, fez investidas em torno do Rio colonial e, especialmente, ao Rio da época de D. João VI. Amava a pitoresca arquitetura das barracas feitas a sapopou, amava-a tanto quanto detestava a inexpressiva arquitetura compulsa dos casarões do ar. Morões de los Rios e seus epígonos. Se ainda conservava um certo entusiasmo pela rua do Ouvidor, é que por ali via transitar, em tempos idos, o Grito da Sogra, o Bachelar, os Seixas e outros tipos populares da velha urbe.

O pai de Lima Barreto deve ter-lhe transmitido, a par de certas nervuras, o gosto pelas letras. Era um homem culto e altivo, amigo das leituras e das reflexões solitárias, monárquico e católico. Publicou um tratado de versão, que o filho, certamente, nunca leu, ou foi sem proveito, por isso que foi sempre um pessimista reitor dos seus próprios trabalhos.

Passou o nosso romancista os seus anos de infância na ilha do Governador, e da sua saudade por essa ilha fala sempre com um enternecimento meio trágico, de que é reflexo um pessimismo em que personagens do "Isaías Caminha" não oculta por lá as suas fráguas amorosas. Na ilha do Governador, foi o pai de Lima Barreto o ministro de uma colônia de alienados, e talvez tenha sido aí que o escritor começasse a sentir a atração e o horror das loucas — atração que o compelia a ir de quando em quando, passar uns tempos no manicômio da Praia Vermelha, como quem vai a uma estação balnearia. — horror que o levou a esboçar um livro admirável sobre a cidade das doidas, livro a que deveria chamar, quando completo, "O sepulcro dos vivos".

Adolescente, Lima Barreto, feitos os preparatórios, matriculou-se na Escola Politécnica. Aí se deteve apenas um ou dois anos, mas, da sua estada nessa sinagoga científica, conservou — ele, o mais simples dos homens! — um certo pedante, por exemplo, ao discutir questões de balística ou ao que-er explicar eruditamente o fenômeno da pororoca. Sabe-se também que o bom do Lima (tinha um proclamar-se um forte em geometria, especialmente quando o acusavam de ser frágilissimo em português).

Mais tarde, foi o grande romancista empregado público e, como tal, assiduamente nasfaltado. Talvez por ter as pernas muito íngremas, nunca lhe espetou escalar himalaias de

papelário. Mas o pior é que, mesmo sem ter a frequentemência, o seu ministério o horrozeava. A sua repartição chamou-lhe, azedamente, umho de nuíncias. Pinton sempre o funcionalismo com cores vivas e mordazes, fazendo ver, como nenhum outro, o Brasil burocrático. Seu espírito não podia deixar de rebelar-se contra a mediocridade de um tal ambiente. Veio-lhe também, desse contato, com os escritos fardados ou não, a aversão pelo militarismo e pelo positivismo, tanto tempo irmãos siameses entre nós.

Aposentado como oficial da secretaria da Guerra, continuou Lima Barreto a habitar em Torres dos Santos, seu pouco, meio urbano e meio campestre, há mais de quinze anos. Criava raízes ali. Seia de casa muito cedo, depois de remexer nos velhos livros da sua estante, livros que não tinha coragem de negociar nem mesmo nos dias de extrema miséria. Descia a ladeira da sua rua, pela rua de casas ajardinadas, encanadouras na qual, ao cair da noite, as crianças cantavam em roda, compondo essas sonoras ornatadas de ridas em bofão que o romancista celebrava numa das suas melhores páginas de folioleto suburbano. Descia a ladeira, encaminhava-se a Lima Barreto para o seu clube. Seu clube to escritor promunha, escrupulosamente, a ingenuidade, "clube" era um bofetão em que se reuniam, avaliando bofetões, os modelos preferidos do nosso retratista de caracteres: carreiros, carretiros, verdereiros e mascetes em trançado por aquelas paragens.

Felizes as libações rituais, encontrava-se Lima Barreto para a estação da estrada de ferro, metido num carro de segunda do primeiro subúrbio que passasse, e lá tinha, rumo da cidade, observando os companheiros de viagem, com aqueles olhos entrefechados, de nato recém-nascido, parecendo nada ver, mas, na realidade, vendo tudo, graças à segunda vista dos intuitivos, e armazenando mentalmente as suas observações, qual se as gravasse num canhoto, num caderno de notas. Com que vibrado particular se entretinha o escritor a espiar os "negritinhos de pele de veludo, macia de ocianito e papai"! Observando os demais passageiros, talvez ele perguntasse a si mesmo se aquela rapariga que ia a um e / o do carro, de cabeça batizada, nua na sua tristeza, não seria uma irmã de Clara dos Anjos, a filha do carreiro Joaquim dos Anjos, vítima de um ignóbil conquistador suburbano? E aquela velha, que estava ali junto à porta, não se assemelhava à tia Benedita, a pobre escrava que, com a espartosa capacidade narrativa de que os preços mais incultos tem o segredo, acalentava a infância de Isaías Caminha, eu-ando-lhe — Scheherazade africana — lindas histórias de um "Mil e uma noites" bárbaro? Não podiam ter lá gente que tal não viaja em carro de segunda classe) as rivais da formosa, da pimposa Cló, dessa mademoiselle Bovary dos subúrbios, fátua burguesa predisposta pela frigididade moral dos pais a mais perigosas complacências, da langorosa Cló, que, sem amar a pobreza, amava parodiá-la nos bailes carnavalescos, dançando e cantando, entre requieiros de corista enfiada, com um largo decote em que tremia um colar de faixas turquesas.

Pimenta de cheiro, gill, igulumbô.

Eu vendo barato, mi comi-
ma, João.

Em chegando à cidade, Lima Barreto corria, peripateticamente, as suas capelinhas predileitas, demorava-se um tanto em palestra na livraria Schettina — ou lá a uma redação qual-

quer levar o seu último escrito. A noitinha, já com o passo pesado, quase de arfítico ou de berbério, e com as perianas das olhas ainda mais arrastadas, retornava ao seu lugrilo distante. Nessa viagem de volta, punha-se sempre a falar sozinho, dizendo-se, em voz alta, para assombro dos demais passageiros, um grão-duque russo que corria, incógnito, ao Brasil. Isso não o impedia, aliás, de proclamar-se, pouco depois, marxista exaltado, pedindo a partilha das terras e a supressão das leis.

As vezes, o nosso romancista passava longas semanas em casa, abstinente, voluntariamente recluso no seu gabinete, como numa cela fradesca, escrevendo sem cessar, dia e noite, naquela letra hieroglífica que era o desespero de linotipistas e revisores. Só isso explica que ele, mau grado os seus períodos de azedões, tenha deixado muita coisa de todos publicados e oulra meia dúzia inéditos, sem falar no que espalhou por jornais e revistas, coisas de ocasião, trabalhos circunstanciais. Nestes casos estão seus artigos contra o futebol e contra o feminismo, além das cartas que endereçava a quantos lhe mandassem livros, cartas nas quais, dedicado, mas sempre arguto e justo de tom crítico, comunicava aos autores as suas impressões.

Não invejava ninguém. Não conhecia rivalidades literárias. Desdenhava a validade dos famosos sucessos mercuriais. Nunca escreveu versos. Fugia a visitar os salões mundanos, preferindo uma visita a um dos seus amigos da vizinhança, não raro compadre seu. Só uma vez foi à Academia de Letras, para assistir à posse de Alcides Maya, e lá se portou inconvenientemente, derrubando cadeiras e interrompendo, com apertados estímulos, a saudação do acadêmico Rodrigo Octávio. Excusado é dizer que a Academia não se honrou incluindo o maior dos nossos romancistas entre os seus membros e os seus generais. Também não recebeu Lima Barreto condecorações de Montenegro ou da Corôa. Limitou-se a ser o primeiro talento da sua geração — "exceção da pen" — o nosso primeiro criador de almas no romance.

Sim, foi Lima Barreto, no romance, o nosso primeiro criador de almas. Ele sentiu, como nenhum outro escritor brasileiro, a tristeza e o humor que cabia na vida do pobre. Seria, como conhecido e desprezado, observando liberalmente as existências humildes, "fotografou e fixou para sempre a vida da cidade que em volta dele se agitava". Olheiras e olhos através das ruas centrais e dos riscos arrabaldados, fez-nos ver todos os tipos e todas as figuras que o Rio contém. Todo o Rio está na sua obra. É a nossa primeira autoridade neste assunto: povo, Vila os costumes da gente carioca, seus divertimentos, suas abusões, suas virtudes e seus vícios. Desfazendo o mundo antigo, as civilizações clássicas, a Grécia, a Renascença italiana e a França de Luís XIV; detestando a reatária latina e sendo o mais anti-danonziano dos anti-danonzianos; detestando não menos o utilitarismo dos lanques maladores de prelos, só amou, por assim dizer, o Rio dos dois últimos séculos. Ao contrário do que acontece com tantos outros, a beleza para ele estava no "mais próximo" e no "valado". Seus autores favoritos (ele próprio o confessou) eram Voltaire, Balzac, Dostoyevsky, Renan, Taine, Flaubert e Eça de Queiroz, mas assimilados, convertidos em sangue e nutrido, de modo a não lhe perturbar a originalidade nativa do romancista, as peculiaridades raciais e locais.

Já é tempo, porém, de exami-

nar mais detidamente os seus livros. Não insistamos nas fraquezas da "Vida e morte de Gonzaga de Sá", romance cheio de homens-abstrações e de patagens metafísicas. Nem nos detenhemos muito no "Numa e a Ninfa"; há ali detalhes sadomaso e as figuras de comparação são bem modeladas, mas o trabalho falto, por assim dizer, espinha dorsal. Falhou no caso a inteligência sintética do autor. Tudo o que se diz ali sobre os gastos orgíacos de certo quadrilheiro presidencial, as ferocidades do selarismo ou do facionismo dos falsos discípulos de Teixeira Mendes ou Floriano Peixoto, provocando romarias civicas ou manifestações noturnas, à guisa Clotilde de Vaux parece comparecer montada no cavalo de Boulanger, nada disso salva o livro.

Entremos o mais depressa possível no melhor Lima Barreto. Vejamos a autêntica obra prima que são as "Recordações do escravidão Isaías Caminha", livro que encerra algo de autobiográfico, livro-confissão, livro que tanto entusiasmou o pouco entusiasmável José Veríssimo, "Isaías Caminha" trata de certa imprensa do Rio. O protagonista do volume conta o que viu na redação do "O Globo", o jornal mais popular do tempo. Conheceu ali Rostoloff, jornalista internacional, filho de um russo com uma prega, ele próprio rumeno, formado pela Universidade de Sofia, pela de ter estudado no Cairo, viajado em todas as continentes, tendo redigido aqui, no Brasil, jornais das colônias alemãs, italiana e síria; enciclopédico como um Larousse de algarbe e sabendo todas as línguas que poderia servir de gerente na torre de Babel. Conheceu Loberant, antigo diretor do "O Globo", depois de Medusa dos políticos; Ayres d'Ávila, redator-chefe, sempre sugando num charuto com uma força de bomba de sucção, a fumar por todos os poros; Leporeira, o secretário, "natureza gelatinosa", um neurótico, um zero à esquerda; Florentino, diplomata e manducoso crítico literário; Lobo, o cavalari prático da casa, azedado pelos galicismos e pelos pronomes mal colocados. Em contato com todos esses senhores, o pobre Isaías conheceu "muitos magnânimos de 'nos' e muitos alcançados de apárrua no 'meu'". Não sabemos de melhor pintura do nosso mais formalístico que esse livro. Para encontrar coisa igual ou superior é preciso ir ao Eça de "Os Maias" ou ao Balzac dos "Ilusões perdidas".

Se "Isaías Caminha" faz ver a imprensa, o "Triste fim de Policarpo Quaresma" faz ver a repartição pública e a alta sociedade suburbana, "uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios, composta, em geral, de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de oficiais de diferentes milícias, etc.". A figura central do livro é o major Policarpo, funcionário da secretaria da Guerra. É ele amigo da modinha, "a mais acuriosa expressão do penamemismo nacional". São os autores nossos ou escritores que falam do Brasil. Aprende a tocar violão, o trovador Ricardo Coração dos Outros, um êculo de Eduardo das Neves ou do sr. Catullo da Paizão Carreiros. No seu jardim não planta senão flores nacionais. Nas refeições, substitui o "petit-pois" pelo guarda-prata do Brasil o primeiro país do mundo. Estuda a ciência lupi e quer que o governo o adopte como língua oficial. Faz-se loquaz e tem um livro de cinco mil versos no fim de vários meses de canchale. Ao estudar a revolução de 18, corre e defende a causa da legalidade, mas acaba suicidado, por isso que protesta contra insultos massacrantes proferidos pelos foranistas viciados. Já é tempo, porém, de exami-

tar os convertidos em profissionais do civismo. Entre as personagens episódicas do romance, encontramos o doutor Bulhões, "de grande reputação nos subúrbios, não como médico, pois que nem deo de rima recitava, mas como entendido em legislação telegráfica, por ser chefe de secção da secretaria dos Telegrafos"; o general Albernaz, "pouco marcial", não tendo sequer uniforme e sempre em comissões burocráticas de civil; o almirante Cullax, que, durante a guerra do Paraguai, fora procurar o seu navio nas águas do Amazonas; o ex-senador Clarimundo repeliano, histórico, agitado, imutável no Império e prafra empalhada no palácio do conde dos Azevedos.

Tais os ambientes observados por Lima Barreto, tais os tipos a que ele deu vida eterna na argila humanizada dos romances. Foi ele — repetam-no — o nosso primeiro criador de almas. Sem remontar a escola do Bom-senso no romance, de que foi reitor Manoel de Macedo, a tábua polida de Alencar e a manipulação de idólos sertanejos de Bernardo Guimarães, vamos aos de Machado de Assis. Mas o autor do "D. Estímulo", incontestavelmente o mestre do "humor", não foi um grande romancista. Faltava-lhe, para tanto, movimento, intensidade e reorientação. Tinha o talento em "folhetes". Há nele mais fragmentos de vida que propriamente vida. Suas personagens são criaturas truncadas, almas híbridas, antes, não sempre a mesma personagem, Brás Cubas, Machado de Assis. Porque ele não fez senão retratar-se a si mesmo, a vinte e ou trinta anos diferentes, pseudônimos da sua misantropia, burlando-se de um "sim" e "não", logo sempre a dizer claramente o que pensava. Faltava-lhe, além disso, a clorofila da bondade. Representante no Rio da forma Swift, Sterne e C. Machado de Assis seria o maior dos nossos romancistas, se os nossos fossem ingleses.

Temos também, antes de Lima Barreto, Aluísio Azevedo, com as suas histórias de uma sensualidade brutal, escritas numa prosa de noticiário. Temos o admirável Pompeu, o "half-breed" da sensualidade, em que correntes de água quente se misturam a correntes de água quente, inteligência, triplata, pintor, músico, o próprio "eu" e pintor, e as palavras ateladas. Temos ainda Gonzaga Duque, o grande artista plástico do verbo, mas, hoje, o sr. Coelho Neto, ao aplicar colagem do estilo de Simões Stilla de uma obra incluída de Ilumina, autor de riqueza é tão dissortido quanto o marquês de Carabas, romancista dos romances se não, indolentemente, em Aluísio, em Pendão, no Paraiso e no Rio.

Nas mãos dele a nenhum dos, superior que é a todos, como romancista, o grande Lima Barreto. Antecipando um século, entre nós, o individualismo Manuel Antônio de Almeida, com o seu "Sargento de milícias", em que nos mostra, tão nitidamente, o Rio de 1840, o Rio dos melrinhos e dos casados, o Rio do Vidigal e das presenças. Lima Barreto é o Manuel de Almeida do Rio deste século de século. Ninguem conseguiu melhor as nossas condições mais característicos, ninguém fez sentir melhor a realidade brasileira, as certezas e as incertezas da nossa condição humana. Sem narrativismo, sem sentimentalismo, sem o que se viu e como viu. Não valeram seus livros por um inquérito moral, por um documento histórico. Mas, quando nos descreve as nossas, as coisas fixas, o ordinário da nossa vida, os seus "raízes", obrigam-nos a refletir sobre a es-

CONTEMPORANEA -- 2.ª Série - Antologia da Prosa - VI - João Neves

Exílio e morte de Silveira Martins A ARTE E A DEMOCRACIA

Depois de uma longa e dolorosa vida, Silveira Martins morreu em 1933, deixando um legado de obras e ideias que continuam a inspirar e desafiar as gerações. Sua obra é marcada por uma profunda reflexão sobre a sociedade, a política e a condição humana. Ele não apenas observou o mundo ao seu redor, mas também se envolveu ativamente nele, buscando transformar a realidade por meio de sua arte e de seu pensamento. Sua luta pela democracia e pela justiça social é um exemplo para todos aqueles que se comprometem com a melhoria da sociedade.

Silveira Martins foi um homem de muitas facetas. Ele era um escritor, um pensador, um ativista e um líder. Sua obra é marcada por uma profunda reflexão sobre a sociedade, a política e a condição humana. Ele não apenas observou o mundo ao seu redor, mas também se envolveu ativamente nele, buscando transformar a realidade por meio de sua arte e de seu pensamento. Sua luta pela democracia e pela justiça social é um exemplo para todos aqueles que se comprometem com a melhoria da sociedade.

Silveira Martins foi um homem de muitas facetas. Ele era um escritor, um pensador, um ativista e um líder. Sua obra é marcada por uma profunda reflexão sobre a sociedade, a política e a condição humana. Ele não apenas observou o mundo ao seu redor, mas também se envolveu ativamente nele, buscando transformar a realidade por meio de sua arte e de seu pensamento. Sua luta pela democracia e pela justiça social é um exemplo para todos aqueles que se comprometem com a melhoria da sociedade.

Silveira Martins foi um homem de muitas facetas. Ele era um escritor, um pensador, um ativista e um líder. Sua obra é marcada por uma profunda reflexão sobre a sociedade, a política e a condição humana. Ele não apenas observou o mundo ao seu redor, mas também se envolveu ativamente nele, buscando transformar a realidade por meio de sua arte e de seu pensamento. Sua luta pela democracia e pela justiça social é um exemplo para todos aqueles que se comprometem com a melhoria da sociedade.

Silveira Martins foi um homem de muitas facetas. Ele era um escritor, um pensador, um ativista e um líder. Sua obra é marcada por uma profunda reflexão sobre a sociedade, a política e a condição humana. Ele não apenas observou o mundo ao seu redor, mas também se envolveu ativamente nele, buscando transformar a realidade por meio de sua arte e de seu pensamento. Sua luta pela democracia e pela justiça social é um exemplo para todos aqueles que se comprometem com a melhoria da sociedade.

RUI BARBOSA E SILVEIRA MARTINS

Que dois contrastes formavam, na Câmara, Gaspar Martins e Rui Barbosa, por vezes disputando os votos do plenário! Gaspar era a espontaneidade explícita dos discursos. Rui, a elegância fria dos argumentos, os próprios repisamentos e os contidos na medida clássica. Um, o charuto em pé, a galope pelas planícies, fazendo ressoar as patas do seu galo. Outro, um orador à europeia, mesmo quando agitado, dispersa as palavras de ouro carregadas numa alavanca encaixada. Rui fere o adversário com um estilo romano, Gaspar carnava o contrário, o fazê-lo, como a uma vez, arrojando na ponta do lápis.



(Rui Barbosa)

(O Dia - Paris)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

CONTEMPORÂNEA -- 2.ª Série - Antologia da Prosa - VI - João Neves

NABUCO E PATROCÍNIO

FECUNDIDADE LITERÁRIA

Transcorria o ano da graça de 1885. Neta chovia ao Rio de Janeiro. Chamou José do Patrocínio. Abre-se-lhe as portas da "Cidade da Tarde", que vai a crisálida da "Cidade do Rio". A mancha alva e vermelha, a sua crise definitiva. Ganha a terra de ponta a ponta a questão do elemento negro. A conquista generosa do primeiro Rio Branco, longe de resolver o problema, apressa as impaciências repressadas. Duas grandes nozes, das maiores que o Brasil já teve, pluralizam os anseios semi-unânicos. São dois antipodas nas origens, no teor espiritual, nas finalidades. Nabuco é um alemão, nascido entre a nobreza mental de Pernambuco. Dir-se-ia que não lhe corre nas veias o sangue dos vendedores dos Guararapes, mas o netar de um deus evadido do

Olimpo e dominado pela majestade da eloquência a Agorá pulsante. É o abolicionista por humanismo. Não compreenderia a espécie, toda ela oriunda do mesmo "pai" divino, separada entre senhores e escravos. A sua concepção filosófica da propriedade repugna a inclusão do ser humano entre os bens mercantis. Autor áncora do dilema — Reforma ou Revolução — jamais pregou a emancipação do negro como um instrumento de transformações do regime. A raiz de suas concepções, o Brasil quebraria as algemas, que lhe emverganharam a cultura, mas edificaria a liberdade coletiva entre o trono e o altar, tanto o seu espírito situava a periferia da Pátria entre as fronteiras de Deus e do Rei. A sua própria ação, a elegância dos seus gestos e os primores da sua forma

literária prefiguravam a estátua, simbolizando a redenção dos humildes pela mão aristocrática do incomparável biógrafo de "Um estadista do Império". Os caminhos divinos não são, entretanto, traçados pelos engenheiros da terra, mas pelos bandeirantes do céu. O abolicionista de cima vai encontrar em sua passagem, cruzando a rede do seu luminoso destino, o abolicionista de baixo — José do Patrocínio. A música de Orfeu, que era a garganta de Nabuco, bela, embriagadora e harmoniosa, como se tivesse o diploma dos conservatórios da eloquência, juntar-se-ia o hino selvagem brulhado das cordas vocais do negro de gênio, sem a técnica demostolástica, rebelde às injunções escolásticas, clara e brutal como as tempestades do trópico, desfilie pernal de procia-

ções alegóricas, dando cor e relevo à imagem, cristandade das lágrimas, relampago das apoteoses.

Mas para que tentar, na pobreza de uma crônica, o perfil de Patrocínio, se Coelho Neto o imortalizou nestes períodos antológicos: "Patrocínio foi como a flecha lançada em linha reta ao sul — partiu da miséria, subiu gloriamente, chegou ao esplendor, feriu o núcleo de fogo, fazendo-o rebeitar em faiscas estelares e voltou ao ponto de onde partira. Não era um orador de escola, disciplinado e elegante: era um ímpeto. A sua palavra não tinha melodia — era sílaba ou rugido; o seu gesto era desquadrado, o seu olhar despedia jagalhas. Avançava, recuava, agachava-se, gingava, retraiu-se, despeçava-se, ficava nas pontas dos pés, arremangando, com a gola do casaco tão subida que, às vezes, parecia um capuz de monge; o coltete amigado deixava expor a camisa — era um desmantelo de tormenta".

A abolição era a ideia-força. Adquiria a velocidade dos cataclastos. Liberais e conservadores transformaram-na em "suprema razão", rematando num paradoxo bem nacional — a bandeira dos liberais passou para os punhos conservadores. E o próprio Paulino de Souza, na hora da votação a passo de carga, rendia ao inimigo a homenagem da galanteria, como um autêntico "gentleman" do Império, abrandando o discurso para não fazer esperar a princesa, "dama de tão alta hierarquia".

Coelho Neto vinha de completar a maioridade. Com os seus compromissos éticos e a influência da colônia em que fabricou os primeiros jargões do metacultural, a sua consciência estava virtualmente feita nas fileiras abolicionistas. Grihavam no céu brasileiro os últimos clareiros do romantismo e os primeiros da democracia liberal, sem tirar nem corar, buscando no povo a origem e o fim da soberania política. A vida do país passava naquele momento sob o meridiano da República; os adversários da realidade levaram-lhe a devida todos os males inerentes às nações jovens e semi-colônias, praticando pelo mimetismo um sistema inadequado às nossas condições geográficas, econômicas, sobretudo assilando pelo centralismo as províncias ricas de seiva e esperança.

Cometendo, como diria Tagore, mais do que o crime, o erro de transformar o rei em capão de mato, os últimos governos do Império apressaram a curia dependente da pardi-

nar um exército so porque produz muito ou, ao revés, pouco pela quantidade das ideias.

A arte não e nem nunca foi fardo da quantidade. A ideia precisa aplicar-se-lhe o que, numa velha sentença, se dizia, já para os vícios — deviam ser parados e não contados. Nas famílias não é o número de filhos que as torna ilustres, mas as virtudes e os feitos de cada um deles. Bem ou mal, o glória não se democratizou. D'Almeida em um de seus mais belos livros, resumia o sonho aristocrático da arte na figura daquele André Spertoli para quem o ideal consistia em escrever um só livro, dele tirando apenas um exemplar para oferecer a uma única mulher.

Pode a fecundidade levar ao trivialismo, como pode a simplicidade um atestado de exaltada criatividade. Não há como invocar os exemplos de Nabuco e Zola, nem enfileirar as citações de certeza de que, em língua portuguesa, apenas Camilo proferiu mais do que Neto. Este recebeu a respeito do grande tema um conceito definitivo: "A fecundidade em excesso e como as enchentes dos rios; é como a plêiade nas veias; é subversão, sufoco".

A bagagem literária não deve ser estimada pelo número de volumes, como as equinotadas das damas galantes e dos palhaços em viciem. Entre o original dos "Lendas", salvo das vagas pela poetizada e toda uma eclosão de meditação, Omar faria sem se encoar-se a esta o arrebatado vencedor do funcionalismo, vendendo das chamadas a epopéia camoniana. Há livros que falam um nome como o Gil Blas de Lesage, sem que se reconheça qualquer outro da sua coleção.

(Dois Petas)



la e atrelaram nos mesmos ossos a estrutura econômica da lavoura e a sorte da diáspora. Boa ou má, a ideia republicana não seduzia apenas pela medicina dos prodígios ou pela miragem das promessas, mas pela noção do combate ao regime monárquico e destino de todos as opiniões enfiadas por erros dos dirigentes e ate pela inelutável fatalidade de causas estranhas à vontade dos homens.

Poderia ter sido, como o primeiro, o segundo Império um caso de Salustio. Nada detinha mais o curso dos acontecimentos.

(Dois Petas)

Transcorria, o ano da graça - 1885. Neta chovia ao Rio de Janeiro. Chamou José do Patrocínio. Abre-se-lhe as portas da "Cidade da Tarde", que vai a crisálida da "Cidade do Rio". A mancha alva e vermelha, a sua crise definitiva. Ganha a terra de ponta a ponta a questão do elemento negro. A conquista generosa do primeiro Rio Branco, longe de resolver o problema, apressa as impaciências repressadas. Duas grandes nozes, das maiores que o Brasil já teve, pluralizam os anseios semi-unânicos. São dois antipodas nas origens, no teor espiritual, nas finalidades. Nabuco é um alemão, nascido entre a nobreza mental de Pernambuco. Dir-se-ia que não lhe corre nas veias o sangue dos vendedores dos Guararapes, mas o netar de um deus evadido do

João Neves.

Um autógrafo de João Neves

DOIS POÊMAS DE LÉDO IVO

O REGRESSO

Tristeza de não estar na Inglaterra neste momento em que bobo whiskey e contemplo teu corpo cor de ambar. Melancolia de ser um poeta inglês nascido nos trópicos. Entretanto, Maria, ontem voltei da Austrália! Quis te avisar de minha chegada mas os fios telefônicos foram destruídos por um tufão. Trago-te no entanto um verso australiano e a doce história da miss infeliz: Miss passeava comigo na Austrália em horizontes sem esperanças. Miss me beijava com uma ternura de sonho não me deixava ficar sozinho entre as colinas elementares da infância o solfeio era a distração sinfônica de miss era a libertação e a vigília sob o sono

Eu gritava pelo nome de miss durante toda a tarde e miss me velava oh como me velava! Austrália era bela, ansiosa e desconhecida eram as florestas sem doçura e paz. Austrália era enorme e tinha kangurus e miss passeava nos céus longe do sono O desejo ambicioso de dormir, Maria, vinha como uma feliz e temerária sesta australiana e miss era a minha doce distração sinfônica me embalando até adormecer. Miss me dizia: Dorme, Lédo Ivo! E eu dormia, sob um luar de Londres perdido entre o carnaval, o sol e os mosquitos do país nativo. Jovem poeta de universidade eu sonhava, Maria, com as flores que não existem nos jardins da Austrália. Ontem voltei da Austrália, cansado e melancólico. Quando eu for dormir, quero escutar tua voz nativa murmurando baixinho: Durma, Lédo!

A MORTE

Morte bailarina de pérdita face morte introdução ao noturno espetáculo exclamação inesperada dos anjos morte vênus impalpável cobrindo a claridade flor devorada por estalmados pelcos silêncio telefônico morte cantando em um inferno que não existe morte em minha sala de jantar enquanto o rádio anuncia as catástrofes presentes secam as águas das fontes e aludam navios antes de contemplar as imprevisíveis bonitas morte concerto ilegal fome do eterno morte doce neutral e obscuro fuga de minha vida fria morte sem sequer uma noticieta nos jornais e um buquê de rosas brancas para meu amor.

